para todos...

1$500 RIO DE JANEIRO 23 DE JANEIRO DE 1932. NVM. 684

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

A tosse nocturna é o maior horror dos que soffrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. *O Bromil*, sendo um calmante e um espectorante poderoso, evita os accessos de tosse, permittindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao suplicio das noites em claro.

KOHOUT New York

TOSSE ? BROMIL

A MORTA

Conto de Pierre Dominique

(Continuação do numero passado)

Deus não ouviu, ou elle e Paulo Uccelli eram do mesmo partido.

Nesse dia o marido prohibiu toda e qualquer visita. Desde então, salvo os criados, ninguem mais avistou Santina, e o pae morreu sem revel-a.

Oito dias depois, o medico do lugar encontrou a cliente magra, pelle côr de cêra, olhar obstinadamente fixo, atravez do vidro, num canto de céo; ella não disse uma palavra, e quando elle ajustava as ligaduras do apparelho, algum coalho de sangue atravessou-se numa grossa arteria e ella morreu. Foi essa a razão pela qual, ao som dos sinos, diante de toda a população reunida como era de praxe, e as quatro confrarias, paramentadas, enfileiradas em honra dos Uccelli, Santina desceu a longa e ingreme escada e sahiu da casa do marido, os pés juntos, bem estirada no seu leito de madeira, para ir á igreja, o que não fazia ha dois annos.

Da igreja foi levada á capella dos Uccelli que é no Pian di Capelle, além do porto, entre duas azinheiras. E' uma capella poetica de onde se descortinam dez leguas de terras. Era perfeitamente indicada para aquella que, ha tanto tempo, só avistava a rua estreita onde ficava a sua casa.

No cortejo, Marcos dizia tolices, inclusive que Paulo matára a mulher; mas sempre o consideraram um pouco louco, e, tambem, como, todos sabiam, a mulher é um movel nas mãos do marido.

Santina foi bem encerrada na capella, Paulo voltou para casa, e, quando todos os parentes partiram, fechou a grade, trancou-se em tres quartos que se communicavam e se pôz a passear de um lado para o outro. Fumava cachimbo sobre cachimbo, bebia de vez em quando um grande copo d'agua e alternava o monologo em voz alta com a leitura de velhos livros italianos que tratavam de guerra ou de amores. Nunca nenhum jornal, a época parecia-lhe inferior. E a criada contava que Paulo lia toda a bibliotheca, da direita para a esquerda, prateleira por prateleira, e depois voltava ao primeiro livro lido. Deixára crescer a barba e não recebia ninguem. Essas especies de lutos eram então muito frequentes; o delle parecia edificante, mas não apresentava nada que paralyzasse a vida dos conterraneos; alimentou as palestras de uma semana e depois pensaram noutras coisas. Aliás, pouco tempo passado, nenhuma criança de menos de cinco annos, depois de menos de dez, podia se gabar de ter visto um unico pello do rosto de Paulo Uccelli.

Marcos, caminhava tambem todo o dia, na Marinha, entre marinheiros que erguiam em torno delle as cabeças quasi africanas, sobre espaduas tostadas. Ficava vendo a chegada dos veleiros, o tumulto das trocas, os gritos dos pescadores com grandes cestas cheias de peixe ou de ouriços, os empurrões dos pastores cheirando a sangue, dos marinheiros com as redes molhadas, e de negociantes de typo phenicio, de bochechas largas e gordas, nariz recto, pelle esverdeada, olhos vivos.

Então elle se divertia e a sua mocidade reapparecia, de repente, visivel no seu rosto, nos olhos, nos gestos e algumas vezes mesmo se expandia por meio de discursos quasi comicos. Relampagos, e depois, de novo a noite, as caminhadas lentas, monotonas com intimos, o cachimbo ou o cigarro na bocca, as mãos nos bolsos. Periodos de tristeza, de vagabundagem em regiões mortas, povoadas por uma recordação immorredoura e que, entretanto, não modelaria jámais um pouco de materia luminosa, movel e quente. Caminhava assim ao longo dos caes, de Sul a Norte, dias inteiros. E cada vez que subia para o Norte, voltava a cabeça para a esquerda e olhava a pequena capella onde dormia Santina, entre as duas azinheiras. Era sabido que podiam lhe dirigir a palavra naquelles instantes, só respondia depois que voltava de novo a cabeça para a frente. Os olhos, arrastavam com elles o rude espirito vindicativo, se fixavam no pequeno monumento, mergulhavam no ponto branco perdido entre o azul e o verde. E o homem se revigorava assim num velho amor ou

(Conclue no fim do numero)

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A *pasta „Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O *liquido „Odol"* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dentifrica
Odol
Odol
Frasco grande

DECLAMAÇÃO

UMA coisa que deu no Rio de Janeiro. Grassou por muito tempo, tinha symptomas alarmantes, era contagiossima. Em cada canto a gente encontrava pessoas com declamação, pessoas de varias idades, quasi sempre do sexo feminino.

A declamação existia aqui, como se diz: em estado latente. Foram as visitas de Berta Singerman que provocaram o apparecimento dos casos, uns em cima dos outros. Todas as tardes, todas as noites, manifestava-se um recital. O Instituto Nacional de Musica ficou sendo o logar mais perigoso da cidade.

Sala apinhada, palmas, flores, familias de ar entendido, mocinhas á espera da vez, chronistas mundanos em piena inspiração, militares reformados, membros da Academia, candidatos á Academia, os autores vivos que figuravam no programma e uma pequena turma patifa. No fim, a parte maior disso tudo ia-se embora e levava uma noção confusa de poesia: aquelles solfejos, aquellas ansias, aquelles braços correndo atraz das mãos allucinadas...

A noção confusa foi crescendo, foi crescendo. Poesia era uma especie de schottich com mais ou menos passos. Era uma tarefa de doutores.

Senhoras confortaveis palestravam:

— Que belleza o soneto do dr. Olegario Marianno!

— Hoje não tem nada do dr. Alberto de Oliveira!

— Eu gosto muito do dr. Santa Rita Durão!

Quando escapava do schottich, a poesia cahia no ataque de nervos. Uivos, apitos, curtos circuitos, ventania, chuva de pedras... O corpo perdia a cabeça, a cabeça perdia os miólos.

Applausos frenéticos acalmavam as pacientes. Ellas vinham de novo á realidade, sorriam gratas. Coitadas! Ninguem quiz contar para ellas que ha varios seculos Hamleto repete:

— "Digam os versos com a voz natural. Si se tratasse de gritaI-os, eu chamava para intreprete o pregoeiro da cidade. Não serrem o ar assim com os braços. Contenham-se. Porque no meio da torrente, da tempestade, e eu podia accrescentar do redomoinho das paixões, é preciso ter e manter uma moderação tranquillizadora..."

Não foi o numero das declamadoras que tornou pavorosa a declamação. A quantidade era até util: gente que não lia, de repente resolveu escutar. Essa gente começou a justificar a existencia dos poetas. Mas aconteceu que as declamadoras tambem não liam... E foi o diabo...

ALVARO MOREYRA

MULHERES

POR JEAN MARTIN

Aïcha com o seu turbante

OS pintores viajantes não vão procurar apenas nos paizes longinquos essa marca de côr local, sempre pittoresca por pouco conhecida, e que lhes permitte, com alguma habilidade, dar á pintura uma aparencia de renovação. Anseiam por abandonar as regras fanadas naturezas mortas, das quaes se abusa decididamente, para encontrar harmonias novas mais coloridas mais quentes, mais luminosas.

Como o ethnologo, mas para um fim differente, o artista muitas vezes tem pesquisado a historia das raças e o caracteristicos dos seculos, não sómente nas paizagens onde a pedra é gravada, mas nos rostos e nos corpos. Elle lê os signaes que explicam a a alma e a indole das raças e contempla os caracteres que, de geração em geração, se mantêm apenas variando. E' com a mesma paixão que o historiador e o pintor perseguem e pensam descobrir nos traços de alguns "bigoudins" da Bretanha uma recordação dos mongolicos, ou um quê de sarracenos em certos typos montanhezes dos Alpes. Recordo-me da minha emoção quando encontrei numa aldeia da Créta, pé do Monte Ida, pastores que pareciam sahidos dos frescos da Idade Media.

Acompanhando o destino da Africa do Norte, os Marrocos soffreram o dominio de Roma, dos Vandalos e de Constantinopla. Que traços deixaram esses conquistadores nos seus habitantes? Em Marrakech, a Grande, acotovelam-se arabes e negros, berberes e mouros e os caracteristicos dessas raças estão misturados. René Martin passou muito tempo em Marrakech; de lá elle partiu para Atlas em busca dos typos puros, isolados no quadro selvagem.

Menina vestida com o "toubit" de mangas longas suspensas pela "hamala" de lã verde.

Seguindo as pistas que se abrem atravez de searas e de oliveiras, o pintor descobriu finas imagens azues, agrupadas em torno de fontes ou de tendas de pelle de camello. E foi então que elle confessou a si mesmo, que os mouros de Marrakech, os "cheïklat", cobertos de joias, gordos e somnolentos e as negras vestidas com sedas multicores o haviam decepcionado.

Num meio-dia torrido, elle se approximou de um "donar" e M Barka, esguia e direita dentro da tunica de fartas dobras, veio offerecer-lhe leite fresco. M'Barka de grandes olhos, gazella prompta a fugir para dentro dos muros de "agadir", encarnava, para o pintor, a belleza berbere.

Emquanto no "donar" resoava o balido dos rebanhos, o artista teve a visão das irmãs de M'Barka, voltando da fonte, ao rythmo ondulante dos quadris, os braços de bronze pallido levan-

Fatna de puro perfil aryano, envolta no seu "khout"

tados segurando os cantaros transbordantes de agua.

Depois, ouvindo as narrativas do velho "cheik", cheias de recordações da juventude elle poude admirar os puros rostos arianos.

BERBERES

ILLUSTRAÇÕES DE RENÉ MARTIN

No oval perfeito, emoldurado por cabellos de um preto azulado, os olhos sombreados de Khôl e de henné punham nas faces reflexos alaranjados. As minusculas tatuagens do queixo eram, nesses rostos impenetraveis, a marca do mysterio.

Os corpos esbeltos, vestidos com o "Khout", peça de algodão tinto de azul que os nomados do norte da Africa usam. E' uma vasta quantidade de tecido que se enrola no corpo duas vezes, formando a saia com pregas unidas, presa pelo "K'smm" de lã e a blusa fixada por alfinetes de prata.

Zahra trouxera a agua para as ablações. Mériem preparava o "coucous". As mãos de dedos finos amassavam a semola e a farinha no "t'bag" de junco trançado. A bella M'Barka acendera o fogo de gravetos e offerecia os "bourir quentes, especie de bolo que se come com manteiga fresca. As physionomias conservavam-se graves durante a execução dos gestos rituaes. O perfume inebriante do chá de hortelã se espalhava no ar. Fatna, perfil de princeza, fiava, acocorada num canto da varanda de terra batida. Os aros de prata das suas orelhas brilhavam na noite que cahia e o seu olhar vagava sobre o rebanho cinzento das oliveiras.

A bella M'Barka com a "gdra" de terra-cotta

Zahra, com os cabellos floridos conforme a moda das mulheres das montanhas

As joias de Myriam: uma medalha talismã, brincos e agrafes de prata.

No donar ruidoso onde se misturam as linhas de todos os corpos em movimento, onde as côres se oppõem ou se harmonizam por ser um quadro de vida diversa, o pintor isolou as jovens berberes, escolhendo, nas suas attitudes, sempre bellas, aquella que as valorizava mais e simplificou os traços e as dobras das fazendas que as vestem, fixando assim a belleza da linha immutavel.

René Martin leu naquelles rostos e naquelles olhos. Conheceu talvez as almas e os perfumes selvagens. Mas, não quiz, nos seus desenhos, exprimir o que sentiu diante dessas bellas mulheres e não lhes desvendou o segredo; mas, quem as olhar, perceberá nos seus traços os caracteristicos de uma grande raça e será seduzido pela vida que palpita nos labios e na carne florida, nas narinas tremulas...

(INEDITO)

Meu Pensamento

Sê meu pensamento, livre e illimitado!
Quero que não conheças nunca a escravidão!
Sê forte, sê instinctivo, sê ousado!
Si encontrares barreiras, faze como o tufão:
arrasa o que se erguer em tua frente
e na ansia de attingir a Perfeição
segue, indifferente
á destruição!
Meu pensamento!
Quero que sejas audaz, indomito e violento
como o pôtro chucro, que na galopada bravia
retesa os musculos de aço
e relincha de alegria
no orgulho de ser livre e atravessar o espaço!
Meu pensamento!
Quero que sejas audaz, indomito e violento
como a agua que se desata
em cadatupas vertiginosas,
estrondosas,
do alto da cascata,
a se precipitar
como que na insensata
e estranha
vontade de despedaçar
as pedras da montanha!
Meu pensamento!
Quero que sejas audaz, indomito e violento
como o fogo que não se importa
de destruir para poder viver!
e que faz de cada arvore queimada, morta,
de cada arbusto a se estorcer
uma nova chamma que illumina
a escuridão!
Si for preciso, brilha como o fogo, sobre a ruina!
Si te quizerem suffocar, meu pensamento, tenta
explodir como o vulcão
que arrebenta
e expelle ao longe, num supremo anseio
a lava ardente, que lhe abrasa o seio!
Meu pensamento!
quero que sejas audaz, indomito e violento!
rapido como o raio, forte como o trovão!
Que tenhas a coragem de todas as audacias
e a altivez de tua opinião!
Quero que sejas como um passaro planando pelos ares
agitando as azas poderosas,
na ambição de alcançar as alterosas
regiões solares!
Meu pensamento!
quero que sejas audaz, indomito e violento
como o Oceano
que se atira furiosamente
contra os rochedos e ameaça o continente,
no seu esforço enraivecido e insano,
na sua velha furia millenar
de destruir e arrasar
a terra, para ganhar espaço, para ser maior!
Quero que sejas como o sol, em derredor
do qual gravita o mundo
e que banha de luz o valle profundo
e o pincaro esguio!
Meu pensamento!
quero que sejas audaz, indomito e violento!
Como o potro bravio
percorre as distancias livremente!
Como o tufão, destroe barreiras!
Precipita-te vertiginoso e vehemente
como as cachoeiras!
Arde como o fogo! Abre-te como o vulcão!
Como um passaro ousado
ergue-te na amplidão!
Imita o esforço desesperado
do mar!
Brilha, como brilha a luz solar!
Meu pensamento!
Quero que sejas audaz, indomito e violento!
Affirma o teu poder e a tua independencia!
acceita serenamente a consequencia
de todo o teu desatino!
Mostra que nada te amedronta!
Meu pensamento!
affronta
o destino
e vence o soffrimento!

LIA CORRÊA DUTRA

BERTA SINGERMAN

Desenho de Yolanda Trebbi

Fantasia

UMA das preoccupações mais importantes da cidade neste momento é a fantasia para o Carnaval. Fantasia propriamente dita, que disfarce mesmo e dê na vista, que seja commentada.

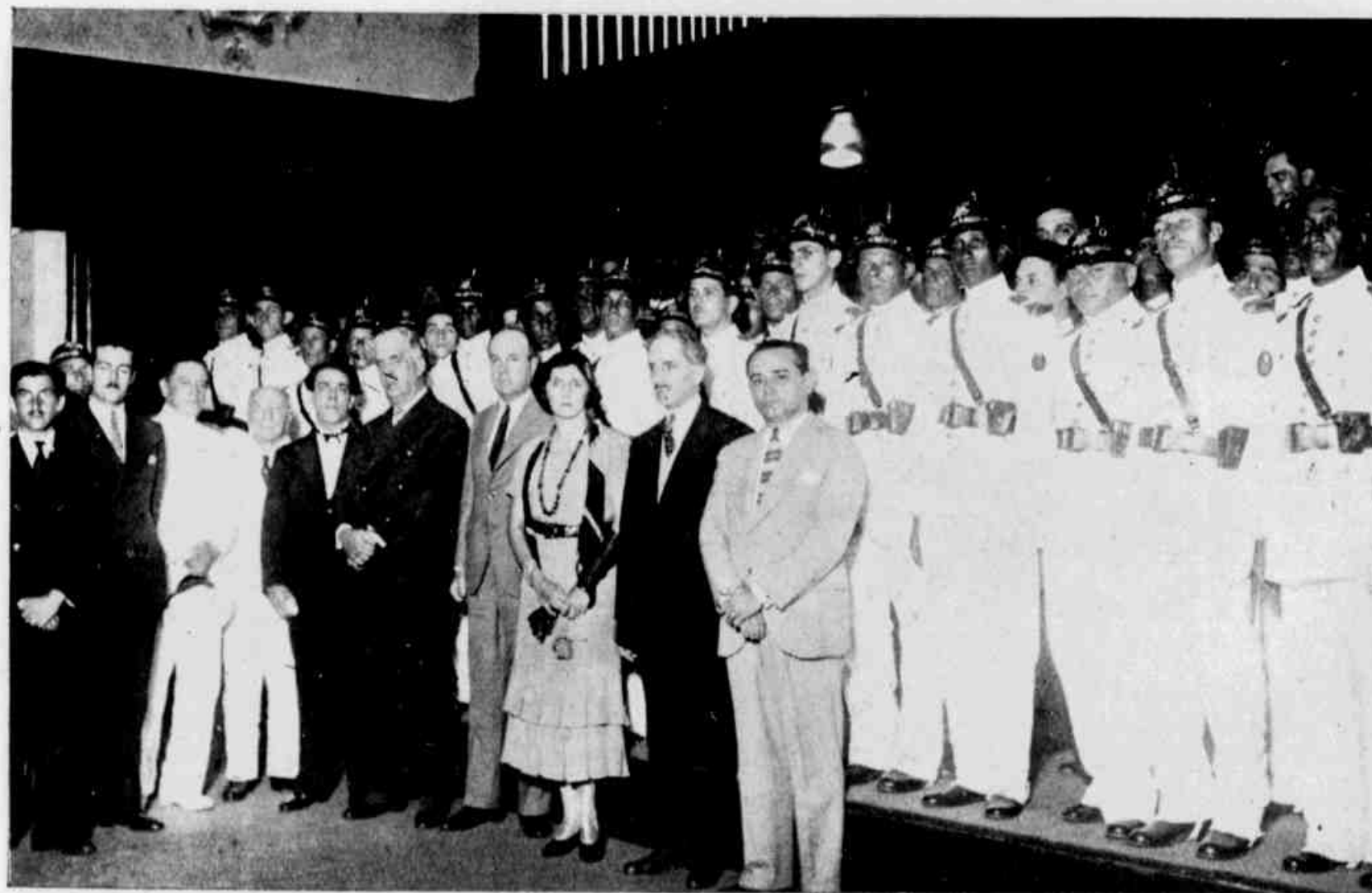
Na "jeunesse dorée", de prata, de nickel, de cobre, de outros metaes, em toda a nossa "jeunesse", o caso está tomando um tamanho descommunal.

Antes de hontem, por exemplo, na Exposição de Cartazes, o pintor Gilberto Trompowsky, alongando os braços suspirou:

— Eu vou sahir de marinheiro...

Victor de Carvalho, o chronista mundano tão primoroso, deu-lhe um tapinha nas costas e sorriu em francez: — *Gâcheur...*

Lucia Marques, soprano dramatico. Dá um concerto segunda-feira que vem, no Instituto Nacional de Musica, acompanhada ao piano pelo pianista e compositor portuguez Oscar da Silva e com um programma admiravel.

Um encontro musical e internacional em Londres: Benjamin Gigli, Fedor Chaliapine, Richard Tauber.

No Instituto, antes da apresentação do Côro que Villa-Lobos ensaiou com soldados do Corpo de Bombeiros e que fez um bruto successo.

NA CIDADE

MARTIM LUZ

O Brasil, a terra maravilhosa, onde, "em se plantando", dá tudo, inventou o carnaval mais delicioso do mundo, nascido espontaneamente da alma do povo: o carnaval do Rio de Janeiro.

Ora, este anno, o Dr. Pedro Ernesto, Interventor do Districto Federal, resolveu ainda tornar mais brilhante a festa mais linda desta terra.

Vae estylizar o nosso carnaval.

E para isso, além do applauso natural de todos nós, conseguiu logo a cooperação valiosissima do Touring Club do Brasil.

Porque o carnaval é um optimo motivo para a attracção dos turistas á Cidade Maravilhosa.

Uma grande Commissão Executiva, composta dos Drs.: Julio Santiago, representante da Prefeitura, Octavio Guinle, presidente do Touring Club, Herbert Moses, presidente da A. B. I., Cerqueira Lima, Annibal Bomfim, Berilo Neves, Juvenal Murtinho Nobre e Edgard Chagas Doria, organizou um grande programma, que tornará o carnaval de 1932 o mais sensacional de todos os carnavaes até hoje realizados no Rio.

A mais notavel das novidades será, porém, o grande baile a phantasia da 2ª feira gorda no Theatro Municipal, nos moldes dos famosos bailes da Opera de Paris.

Para a propaganda desse baile, a Commissão Executiva, com o auxilio da Associação dos Artistas Brasileiros, promoveu um concurso de cartazes, que se realizou no sabbado passado no Palace Hotel.

A' prova concorreram 53 artistas que desenharam os seus cartazes á vista do publico, num espectaculo inédito e curiosissimo, durante todo o dia.

A commissão julgadora, composta dos Srs. Commandante Bulcão Vianna, director geral da Secretaria da Prefeitura, Dr. Octavio Guinle do Touring Club, Dr. Celso Kelly da Associação dos Artistas Brasileiros, Dr. Herbert Moses, da Associação Brasileira de Imprensa, e professor Fléxa Ribeiro, da Escola Nacional de Bellas Artes, só á noite poude proferir o "veredictum", que foi o seguinte: Luis Abreu (Laus) tirou o primeiro premio, Euclydes Fonseca, o segundo e Fritz o terceiro. A commissão concedeu mais tres premios menores a Corrêa Dias, S. W. Alves de Souza e Paulo Werneck.

✣ ✣ ✣

O carnaval carioca nasceu modesto, descalço, malandro, bohemio, com gosto de samba...

Depois a gente "snob" começou a vestir casaca nelle e empurrou-o sem geito nenhum para os clubs elegantes.

Elle ia morrer — coitado! — phantasiado de homem importante.

Mas agora, algumas pessoas intelligentes e dispostas a todos os sacrificios, comprehenderam que o carnaval precisava de um protector. Que o amparasse nas festas elegantes e tambem no meio da rua.

Esse protector providencial é o Dr. Pedro Ernesto.

Que Deus (ou Momo...) lhe pague...

No Palace Hotel, sabbado passado, a commisão que julgou os cartazes para o baile do Theatro Municipal, que vae ser a nota sensacional do Carnaval de 1932.

THEATRO

A Companhia Mexicana que está no Republica tem levado á Avenida Gomes Freire todo o Rio de Janeiro. Lupe Rivas Cacho com a sua linda troupe e o seu repertorio agrada em cheio. E' a coisa mias sympathica que a nossa cidade já viu.

Lupe Rivas Cacho

"Serenata"

Quadro da revista

"Bajo el cielo azteca"

Verdadeira historia do poeta triste

Camillo Soares

Ia vivendo. Calmamente. Na pacatez do quarto pobre. A repartição. O jantar. A namorada. O cinema nos dias melhores. O domingo com calça de flanella. Até que se deu a tragedia. O augmento do ordenado determinou uma farra. Escola de dansa. O amigo filante quiz agradar. Foi o causador. Disse que elle tinha cara de poeta. Dahi...

Benjamin de Aguiar etc. compenetrou-se. Genio da raça. Olhos bambos. O espelho cresceu. A parede ficou pintada de quadros baratos. Tingiu o unico terno. Os sapatos. O chapéo. E comprou uma gravata preta. Até um pincenez. E riscou os primeiros versos.

O jornal do bairro foi o primeiro degrão. A repartição sumiu-se. Os companheiros de bar se intrigaram. Benjamin tomou ares compenetrados. Brigou com a namorada. E começou a fazer passeios nocturnos. Solitario. Precisava de um amor romantico. A Julinha serviu. Aquelles olhos de bebedeira... E aquella voz cansada. Ficou resolvido. A Julinha ia ser a amada do poeta. A mulher fatal. Figura obrigatoria. Mas a primeira investida custou-lhe uma surra. Mulher de fuzileiro não pode ser para poeta triste.

Resolveu ser o poeta solitario. Começou a vagar nas ruas de canaes. Rio Comprido. Mangue. Maracanã. Rimou bacanaes com canaes. Até que teve uma cana. Com conselhos de commissario. E descompustura do guarda. Illustrada de pontapés.

Aprendeu francez. E começou a estragar o francez. Nesse tempo já era alguem. Ia as exposições do Palace. Frequentava os cafés da cidade. Com vasta cabelleira. Passo de urubú cansado. E o olhar de cachorro sem dono.

Mas estava custando a consagração. O esforço para ser triste estragava-lhe a vida. E lá se iam seis annos de tristeza forçada, resignada. Pensou em morrer. Os jornaes falariam. Do poeta. Os amigos diriam: O GRANDE BENJAMIN. E até os telegrammas para Buenos Aires dariam a morte do poeta.

E morreu. Morreu enforcado. Num dia tão calmo que o noticiario policial só dizia isto: Hoje não morreu ninguem.

JAGUARE' — Foi goal-keeper do Vasco. E' um dos homens mais notaveis do Brasil.

Retratos de Savely Sorine pintor russo

Reunião das fundadoras da "Revista Feminina" no Palace Hotel.

Foujita e Mad[illegible] Photographia de Ismaiolivitch

Em baixo: na festa de inauguração dos trabalhos da Academia Fluminense.

A princesa Enistoff

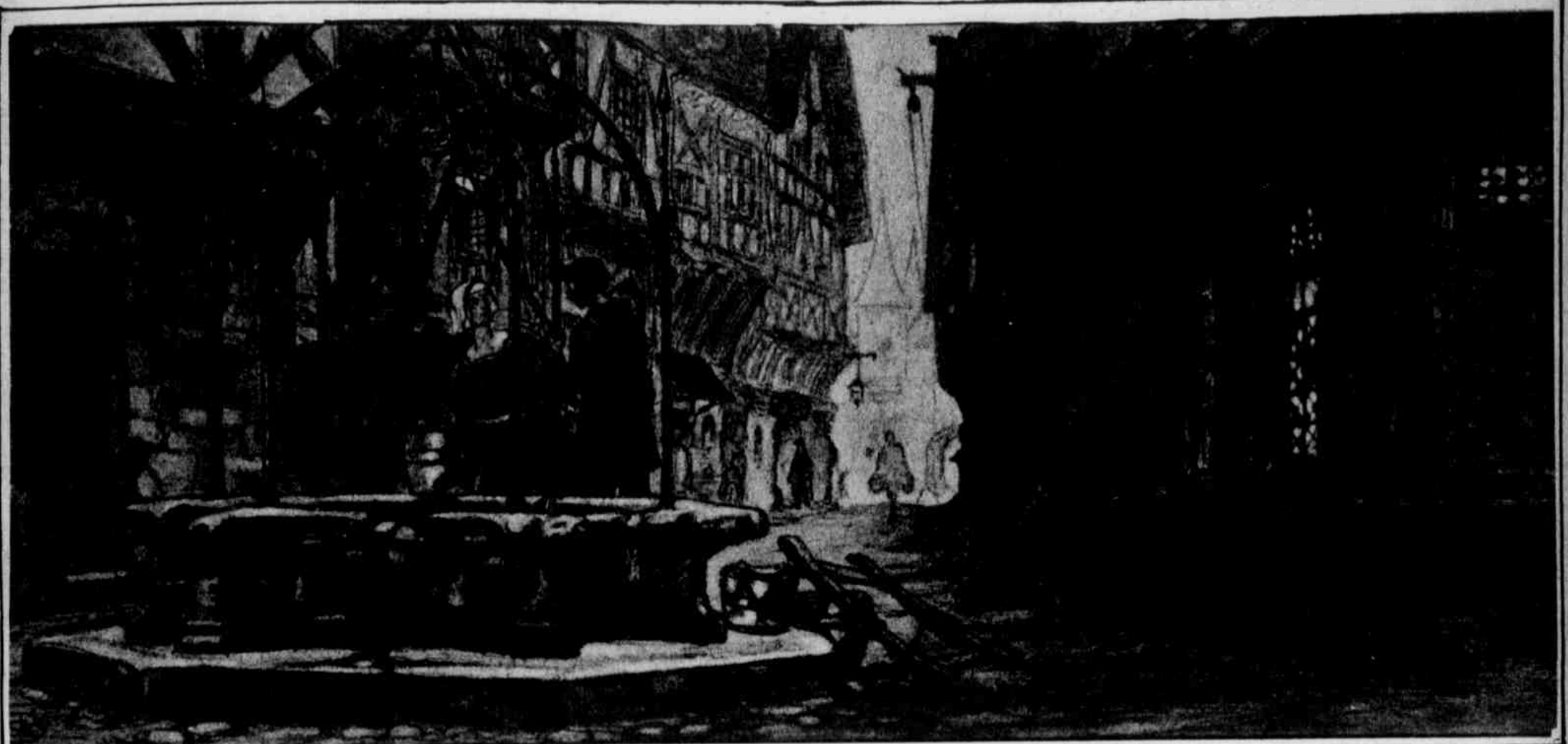
A princesa Dadia

Madame Mabel

.. um poço publico que o povo déra o nome de Poço do Amor...

O POÇO DO AMOR

por JULES PERRIN

ILLUSTRAÇÕES DE SERGE BEANNE

MA bella casa, com alpendres cobertos de telhas, janellas de vidros encaixados em chumbo, fachada pontuda suavizada por um cimbre de madeira, subsistiu em Paris até o seculo dezoito, no canto da rua da Truanderie em frente a um poço publico ao qual o povo déra o nome de "Poço do Amor." Naquella epoca, substituiram o poço por uma fonte; logo em seguida a casa tornou-se um casebre. Não a procurem mais: ella desappareceu.

Edificada em 1410, posta á venda pelo fim da guerra de Cem Annos e comprada por um burguez de Paris, estabelecido como alfaiate na rua Saint-Denis. Michel Le Cointe realizava assim o sonho de toda a sua vida: retirar-se para uma bella propriedade e nella desfructar das suas economias. Restava-lhe encarreirar o filho, que elle desejava ver formado, casar a filha Ysabel com algum filho de collega que tomasse conta da alfaiataria. A realização desse plano parecia simples, os filhos e a mulher sempre obedeceram sem resistencia; pois elle era de natureza autoritaria e mesmo violenta.

— Na nossa familia, dizia elle, os doceis succedem aos violentos; meus filhos são da geração dos doceis.

Isso devia ser exacto quanto ao rapaz mas não com a filha; ás primeiras insinuações do pae, ella respondeu com doçura que queria casar com o filho e sim com o empregado de Jean Barbier, alfaiate da rua Garnetal.

— O senhor o collocará na sua casa, meu pae, elle passará a mestre em poucas semanas. Nós nos casaremos, o senhor viverá na sua propriedade e nós conservaremos a casa, Simon Le Févre e eu, para fazermos tambem a nossa fortuna.

Note-se que a escolha parecia razoavel; mas Ysabel errou fazendo-a ella propria? Michel Le Cointe empallideceu com a idéa de que aquelle rapaz, do qual não se cogitava na vespera, iria se installar como mestre no "atelier" e lá medir a lã ou o velludo dos casacões, dos gibões e dos cabellos, que aquelle estranho poderia para o futuro, no logar delle, perguntar aos freguezes: "Com calças, meu senhor? com silhas ou com correia? Com costura dupla, meu senhor?" Lançou simplesmente um "Nunca!" sem replica; depois virando as costas, foi confiar os seus desgostos a Guillaume Foulon, seu amigo de infancia.

Cura de Saint-Eustache, Guillaume Foulon era um santo homem, mas geralmente considerado como pobre de espirito. Conselheiro habitual dos Le Cointe, a sua intervenção em qualquer negocio só conseguia complical-o mais ainda. Mas que honesto homem, que amavel conviva nas reuniões familiares e como ouvia attentamente as lamentações do alfaiate!

— Imagine, meu amigo. Uma menina pela qual, por occasião da molestia que quasi a carregou de junto de nós aos quinze annos, eu fiz a peregrinação ao santuario de Saint-Michel...

Ah! essa peregrinação! A Normandia atravessada cantando canticos sacros, as praias arenosas scintillando ao sol, o albergue da "Coquille" com as suas omelettes succulentas e a sua cidra de ouro. Guillaume Foulon acolhia sempre a narrativa do amigo com igual paciencia, mas de todas as recriminações de Le Cointe, fixou apenas o nome detestado de Simon Le Févre, como o de um genro para sempre indesejavel. O alfaiate voltou para casa, confiante nesse pensamento: "Minha filha é da geração dos doceis, esquecerá esse rapaz."

Ysabel, por seu lado, chorava sobre o hombro da mãe que a consolava murmurando: "Tenha paciencia; teu pae é violento, mas termina cedendo." Quem poderia saber melhor do que ella?

Entretanto Le Cointe não cedia e as semanas passavam; a vida deixára de ser alegre, não se falava mais ás refeições, as noites terminavam tristemente naquelles bellos dias de verão. Importantes acontecimentos vieram movimentar a vida. O rei Carlos VII morreu, seu filho Luiz, sagrado em Reims, annunciou a intenção de tomar conta da boa cidade de Paris, fazendo nella a sua entrada. A Capital do reino foi saccudida com os preparativos das festas annunciadas. Allegorias, scenas dialogadas, vôos de pombos, espectaculos plasticos, tudo isso pedia a construcção de estrados, de scenarios ao ar livre ao longo da rua Saint-Denis, para além do châtelet, onde homens vestidos de soldados deveriam figurar a tomada de Dieppe das tropas inglezas.

Mas, entre todas as invenções decorativas realizadas para as cerimonias, uma unica era o bastante para perturbar as cabeças no pequeno quarteirão parisiense onde se circumscrevia a aventura: cinco bellas mulheres fantasiadas de letras goticas deviam, indo ao encontro do rei, formar o nome de Paris e, tanto pela attitude como pelas quadras que recitariam, testemunhar a lealdade da cidade. Ora, uma das fantasias, encommendadas pela municipalidade aos alfaiates, fôra composta, cortada e cosida nas officinas de Barbier por Simon Le Févre ao qual o preposto dos negociantes, em pessoa, exprimiu a sua satisfação pelo trabalho. Semelhante obra-prima assegurava a posição de mestre ao official alfaiate e, de repente, elle perdeu a cabeça: renunciando a temporizações, resolveu precipitar as coisas, offerecendo-se, elle proprio, para genro de Le Cointe.

Contemplar aquellas riquezas consolava-o de ainda não as desfructar...

O mez de agosto terminava e os dias estavam quentes. Levantando-se muito cedo, Le Cointe tomára o habito de ir todas as manhãs visitar a sua propriedade. Penetrava, por um estreito corredor, nas salas um pouco baixas onde já se accumulava o mobiliario comprado pacientemente ao accaso dos momentos propicios e das vendas publicas: tapessarias de Dinant, plantas de Felletins, camas de rodas ou de sobrecéo com cortinas ao fundo para impedir a humidade das paredes, candelabros de prata, espelhos ricos, pulpitos, poltronas, bancos esculpidos, pintados e mesmo dourados... Contemplar longamente aquellas riquezas consolava-o de ainda não desfructal-as.

Simon Le Févre conhecia aquelle habito e, desde o amanhecer, esperou o alfaiate. Viu-o vir pela rua Truanderie, passar em torno do poço. Dirigiu-se a elle, tirou da cabeça o gorro de tecido roxo combinado com a côr do costume, sorrindo nos bellos olhos negros e na bocca de dentes de jovem lobo. Le Cointe teve um sobresalto de surpresa e de colera, quiz seguir apressado, mas o moço tomou-lhe a frente.

— Por favor, mestre Le Cointe, não recuse ouvir-me. Vou entrar de mestre para a firma do nosso collega Sainte-Luce; de mais não sou inteiramente pobre e meu pae me dará o necessario para que eu me estabeleça. Amo a sua filha Ysabel e ella me ama. Consinta dê-me a sua filha; sómente ella, mestre, quero apenas ella, tenho bens sufficientes e coragem para trabalhar para nós dois.

Ha muitas maneiras de dizer as coisas; ha tambem muitas maneiras de as ouvir. Mestre Le Cointe foi remexer longe. Sob as palavras e antes de tudo, o "Sem dote", que deveria encantar Harpagão, fez-lhe o effeito de um ultraje. Tornou-se escarlate, avançou com um ar furioso para Simon.

— Pensas, exclamou, rapaz tolo e idiota, que eu não tenho meios para estabelecer a minha filha e casal-a como quero? Que o fogo de Santo Antonio queime esses petulantes que nos vêm dizer cara a cara: "Velho, amo a tua filha e a tua officina apropositadamente afreguezada; cede-nos o teu logar e vae morrer no teu canto: nós teremos o teu dinheiro mais tarde."

Foi a vez de Simon de corar com o insulto e de se esquentar.

— Mas, protestou elle, eu não disse isso.

— Ora! replicou Le Cointe. Não disseste mas eu comprehendi.

Fez menção de seguir o seu caminho. Le Févre, braços estendidos, tentou retel-o e a sua voz se tornou supplicante:

— Mestre, juro-lhe, nós nos amamos.

Le Cointe deu de hombros; agarrou o braço do rapaz e tentou afastal-o; o outro resistiu, mantendo-se firme sobre as pernas musculosas. A despeito dos cincoenta annos, Le Cointe continuava robusto e insistiu contra o obstaculo: e assim, ambos começaram a perder um pouco a cabeça. Por mais respeitosa que fosse a insistencia de Simon, ella exasperou o alfaiate que, agarrando-lhe a orelha, saccudi-a como se faz a uma criança.

— Deixe-me passar, atrevido descascador de cebolas!

A vergonha de se sentir tratado como uma criança, a colera de ouvir suspeitar, em gyra, da sua sincera emoção, agiram ao mesmo tempo sobre Simon que não era mais paciente do que Le Cointe; desembaraçou brutalmente, agarrou o agressor e, escorregando numa casca de maçã, foi com elle cahir sobre a beira do poço. Lá, os dois principiaram a se agitar em contorsões furiosas, até o momento em que mestre Le Cointe, desvencilhando-se por um golpe dorsal, viu, horrorizado, o rapaz rolar sobre o rebordo de pedra e desapparecer; ouviu os dois baldes suspensos no vácuo se entrechocarem á passagem do corpo que tombava, depois o "flac" da agua... depois nada. No immenso silencio que se seguiu, Le Cointe olhou em torno com um olhar maquinal. E logo, no mesmo instante, o ruido de uma fanfarra estridente o fez estremecer: no châtelet, ao longe, as trombetas, soavam, como todas as manhãs, ao nascer do sol. Pareceu a Le Cointe que elle ouvia os anjos tocar o juizo final. Sem reflectir, fugiu, apressado como uma lebre.

Era um criminoso! Só via isso no seu terror. Levar soccorro á victima, tentar a retirada do rapaz de dentro do poço onde acabava de jogal-o, não lhe passou pelo espirito. Numa carreira elle passou, tremulo de febre, junto das Halles, ganhou a rua Saint-Denis para seguir na direcção do Seine, perseguido pelas trombetas, cada vez mais berrantes á medida que se approximava do châtelet. Em torno, os parisienses já se entregavam aos trabalhos de decoração; pois a entrada do rei estava annunciada para o dia seguinte e só tinham aquelle dia para abrir nas fachadas as tapeçarias e as colchas guarnecidas com flores, dependurar as grinaldas de folhagem nas janellas, dar a ultima demão nos palanques e nos arcos erguidos nas ruas. Tremendo sob a colera divina que elle sentia em cima da cabeça, mestre Le Cointe continuava a correr como um louco; passava sem comprehender coisa alguma, sem ver nada, nem a bella floresta armada com galhos de ulmeiro perto da fonte dos Innocentes para a representação de uma caçada, nem o veado já collocado no logar para os effeitos, nem os caçadores que se exercitavam em atirar, bebendo vinho branco para desentorpecer a lingua.

Foi preciso, para fazel-o parar, a interrupção do transito no Pont-au-Change, que transformavam em viveiro com o auxilio de telas, afim de lá voarem as duzentas duzias de passaros fornecidos pelos vendedores de passaros de Paris: o barulho dos martellos, os pios das aves, o ruflar das asas agiam a proposito sobre os nervos de Le Cointe e lhe restabeleceram, em parte, o sangue-frio: meditou que a fuga não era uma solução. Sem saber bem o que fazia, tomou novamente o caminho pelo qual viéra, cortando-o pelas Halles e, de repente resolveu ir se aconselhar com Guillaume Foulon cujo caracter lhe assegurava, pelo menos, discreção.

A governante de Foulon confiou-lhe que o cura acabava de ser chamado mysteriosamente ao hospital Trinité.

— Está bem, respondeu Le Cointe, vou ao encoutro delle.

Para ir a Trinité, elle devia atravessar a Truanderie; a força secreta, que empurra os criminosos ao local do crime, conduzia o alfaiate. Na praça elle encontrou, palestrando, um circulo de mulheres e logo soube do que se passára de-

pois da sua fuga: uma dellas, Agnés la Giffarde, havia, manobrando os baldes, descoberto o corpo de Simon; os vizinhos correram com os gritos della, retiraram o rapaz da agua; pouco profunda, naquella estação de secca, déra apenas para amortecer a queda. Que suspiro saiu do peito de Le Cointe com essas noticias e com que alegria elle disse esfregando as mãos:

— De sorte que o apaixonado está são e salvo.

— E' exacto! respondeu la Giffarde... vá vel-o na Trinité, para onde o levou um monge do hospital que ajudou a tiral-o do poço, com uma brecha na cabeça e as costellas arruinadas. Se, em vez de cahir nesta estação elle se tivesse atirado no tempo duro, como fez Agnés Hellebic ha mais de um seculo, ou como Sehan aux Oues no anno passado, eu não daria nada pela sua pelle. Mas que diz a isso? Ainda um amoroso derrotado, creia...

Deixando as comadres comentar á vontade a lenda do Poço do Amor, o alfaiate tomou pela rua Garnetal. Agora caminhava sem febre, com a esperança de que Simon se livrasse com alguns arranhões apenas; mas o medo e o remorso modificaram-lhe os sentimentos.

— Fui violento, confessava a si mesmo.

Quando penetrou no hospital, acabava de se censurar por não ter querido dar attenção a um pedido de casamento nada absurdo. A's primeiras palavras que elle pronunciou fizeram-no entrar, sem nenhuma espera, para uma sala onde, se encontrou diante de um sargento do châtelet que pontificava, sentado junto de um escrivão do Tribunal installado na Tournelle. Apenas Le Cointe declinou o nome e a profissão, o sargento affirmou:

— O senhor hoje de manhã teve uma discussão com Simon Le Févre por causa de sua filha que elle pretende desposar. Está accusado de ter atirado o mesmo Le Févre no poço da Truanderie.

— Quem me accusa? perguntou Miguel, com as pernas tremulas; não havia ninguem nas ruas quando eu e Le Févre discutimos.

— Entretanto alguem o viu fugindo como quem comette um crime. Onde está mestre Nicolas Janvier?

A este nome, Le Cointe estremeceu; viu sahir de um canto sombrio da sala um personagem desconhecido que, para falar a verdade, não o accusava formalmente, limitando-se a interpretar como criminosa a attitude em que surprehendeu Le Cointe no canto da rua Contesse d'Astois O imfortunado alfaiate, com as pernas bambas e os labios tremulos, acabou de perder o sangue frio diante dessa affirmação inesperada.

— Confesso, disse elle com uma voz desgraçada, que Simon e eu discutimos muito; mas quanto a ter querido matal-o...

O sargento sorriu bem humorado; suggeriu:

— A's vezes acontece que, sem querer...

Aquelle subalterno da policia tinha geito para enrascar as pessoas... e mestre Le Cointe ia talvez se trair, quando a porta se abriu e appareceu um velho padre que murmurou algumas palavras no ouvido do sargento. Este não se satisfez; o padre insistiu.

— A declaração foi feita ao official.

Com a expressão de um cachorro do qual arrancaram um osso, o sargento atirou a penna que tinha prompta para anotar os depoimentos.

— Puxa! o senhor tem sorte: Simon Le Févre recuperou os sentidos e declarou que foi elle proprio que se atirou no poço, desesperado por ter sido recusado o seu pedido de casamento.

As pernas do alfaiate dobraram e a emoção o fez cahir de fraqueza. Nicolas Janvier ajudou a carregar um banco sobre o qual o assentaram. Ter pensado matar um homem, ve-l o ressuscitar para se accusar em vez de comprometter o agressor, era demasiado para que o mais cabeçudo dos Le Cointe não enfraquecesse. O alfaiate suspirou e murmurou:

— Deus seja louvado, por não ter havido nenhuma morte!

E a alma terna que, na sua familia, lutava de geração em geração com a alma rude dominou naquelle homem violento e, passando de um extremo ao outro, sentiu o desejo de apertar nos braços o rapaz como um filho. Pediu permissão para vel-o. E instantes depois, penetrava no pequeno quarto onde repousava o ferido num confortavel leito. Dois frades acabavam de arrumar a mesa cheia de gazes, potes de vulnerarios de unguentos e, numa terrina o cirurgião lavava as mãos ainda vermelhas. Quando elle viu aquella cabeça envolta em ataduras ensanguentadas e os olhos negros, sempre vivos, que de longe lhe sorriam, Le Cointe não procurou se conter: cego pelas lagrimas, na ponta dos pés, approximou-se do dolorido rosto que continuava sorrindo, depôz-lhe um beijo já paternal. E, baixinho, com voz tremula, murmurou:

— Fique bom, meu filho. Ysabel é tua.

Mestre Le Cointe ao entrar em casa, encontrou a mulher e a filha em prantos. Apertou Ysabel nos braços.

— Eu não poderia imaginar que o rapaz tomasse as coisas tão a serio. Por são Miguel uma vez que elle te ama tanto, elle será teu marido.

Com grande surpresa sua, essa promessa não reteve as lagrimas das duas mulheres e elle começava a se irritar, conforme o costume dos rudes Le Cointe, quando Guillaume Foulon entrou como uma bala. Tendo se sentado para recuperar o folego, o cura de Saint-Eustache principiou a sua narrativa.

— Gloria a Deus! disse elle precipitadamente, o meu amigo está livre das preoccupações desse casamento. Apenas souberam do caso desta manhã, a sua mulher me preveniu; com a Trinité e recolhi de Le Févre a confissão do suicidio. Desde então não perdi um minuto e a senhora Le Cointe póde servir de testemunha. Sabe de onde venho? Do official ao qual denunciei o culpado. Si o rapaz morrer, será o cadaver dependurado em Montfaucon, segundo o uso; por

Quando elle viu aquella cabeça envolta em ataduras ensanguentadas...

ter attentado contra os seus dias, não é menos culpado aos olhos de Deus e, si elle sobreviver, a excommunhão parece-me de rigor. Ora, bem sabe que ninguem, mestre nem operario, deve continuar a trabalhar com um excommungado, muito menos recebel-o á sua mesa. E assim...

Diante do rosto progressivamente entristecido do alfaiate, Foulon calou-se. Da alegria, Le Cointe cahiu no desespero e apenas o caracter sagrado do seu desastrado amigo o impediu de mandal-o longe. Mas quando a colera não o cegava, elle era um homem de resolução.

— Consola-te, minha filha, não chore mais, mulher. Palavra de Le Cointe, esse caso se arranjará: Ysabel terá o seu marido, juro por São Miguel. Esse Simon, meu veneravel amigo, agora me é caro como a luz dos meus olhos. Assim como eu não quiz atiral-o no poço, tambem elle não se atirou; entretanto elle tinha elementos para me mandar para a Gourdaine ou para o Paradis du Châtelet.

Refletiu um instante e voltando-se para a filha:

— Garota, disse elle alegremente, isso não tirou o teu desejo de te casares com elle. Não falemos mais.. Responda-me apenas meu amigo, o bispo está ao corrente do succedido?

— Sim, respondeu Foulon.

— Bem, replicou o alfaiate. O bispo e o presidente da Tournelle estarão no cortejo do rei: sei o que tenho a fazer.

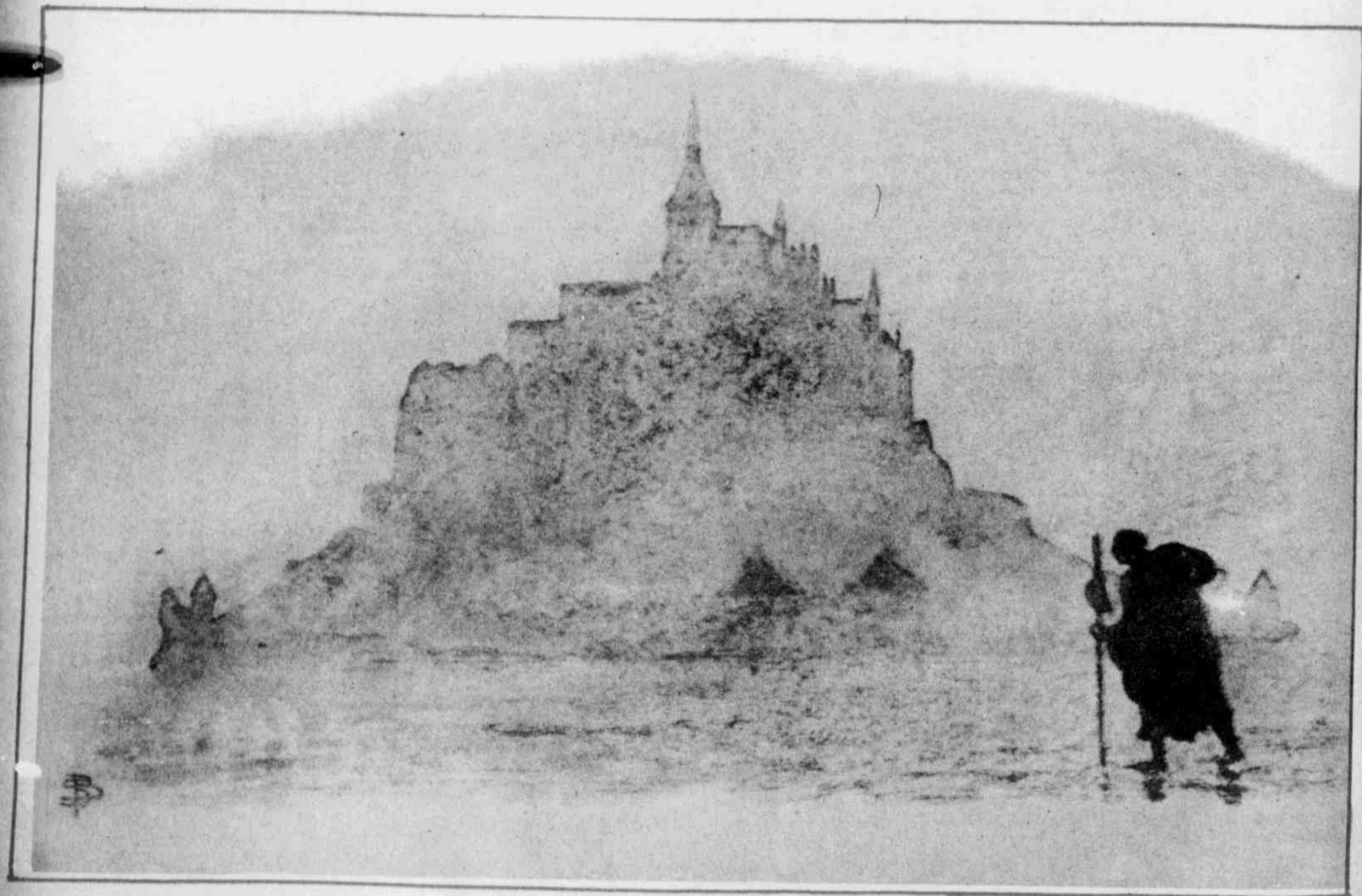
Não disse mais nada até o dia seguinte em que, figurando na confraria de Sainte-Luce, seguia na frente de Luiz XI que fazia a sua entrada em Paris. Quando o cortejo real chegou diante da Trinité, assim, que o rei, descido do cavallo, acabou de admirar o mysterio representado pela confraria da Paixão, sob as tres cruzes onde os actores representavam Christo entre os dois ladrões, um burguez furou a multidão e ajoelhou-se aos pés delle.

— Magestade, disse elle, peço graça e mercê.

Era Le Cointe. Rapidamente, elle contou a historia, a disputa, a violenta queda no poço de Simon Le Févre e a generosa invenção de suicidio feita por elle. O honesto Le Cointe reflectira. "Por Deus, pensará, eis um rapaz que não é nem um cobarde nem um tolo. Elle teve a sorte de cahir no poço em vez de me atirar. Mas que idéa guardará elle de mim se eu consentir em me aproveitar da sua mentira?"

E elle erguia para o soberano um olhar sinceramente supplicante. Luiz XI estava imponente, trazia uma tunica roxa sobre a roupa de setim branco e um chapéo "loqueté"; com o rosto firme e os penetrantes olhos castanhos, elle sorriu indulgente e estendeu a mão para erguer o supplicante. Elle já gostava dos burguezes de Paris e desejava agradal-os: sem juramentos, elle trocou algumas palavras com o bispo e com o presidente do seu Parlamento; por fim, voltou-se para Le Cointe.

— Não ha razão, disse elle, de açoitar um gato e esse poço do amor, depois de ter feito tantas victimas, vae fazer esse casamento. No dia das bodas, que dêem, em meu nome, á noiva uma cadeia de ouro em memoria da aventura. Que Deus esteja comvosco, meu bom homem, e com todos os vossos!

Como se póde imaginar Le Cointe não continou a acompanhar o cortejo: precisava socegar a filha e a mulher, que continuavam angustiadas e sem saberem o que elle resolvera fazer. Não foi preciso muito tempo para pôr Simon Le Févre, cujos ferimentos pediam ainda longo repouso, ao corrente dos acontecimentos. E tudo correu á maravilha; pois, para assegurar o successo dos seus desejos, o alfaiate, de novo, fez uma promessa a são Miguel. Aproveitou a convalescença do futuro genro para realizar a peregrinação ao "Monte ameaçado pelo mar." O que não se passou sem aventuras interessantes de contar aqui; mas nunca é bom alongar uma historia e é razoavel deixar os heroes no momento em que a felicidade consente em lhes sorrir.

No Palace Hotel do Estoril, inaugurando a "Semana da Uva", o Presidente da Republica, General Carmona, posou para "Para todos..." Com o Embaixador do Brasil á sua direita, o Presidente do Ministerio, General Domingos de Oliveira á esquerda. Estão tambem na photographia o Ministro dos Estrangeiros e representantes do Corpo Diplomatico.

Em Portugal

O Embaixador do Brasil, Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, depositando flores, quando foi o anniversario do armisticio, no monumento dos mortos na Grande Guerra em Lisboa.

A arte dramatica e o cinema falado

Quando appareceu o cinema, varios prophetas predisseram o triumpho certo delle sobre o theatro dramatico. Entretanto, o theatro resistiu e, embóra as crises atravessadas, o valor das modificações e das creações feitas nos ultimos vinte annos é incontestavel. Hoje que a crise do theatro parece agudissima e que o cinema falado substituiu o mudo, imaginam, mais do que nunca, que a ultima innovação da technica matará infallivelmente o theatro.

George Jean Nathan que é considerado como um dos criticos dramaticos mais competentes da America, no seu livro "Testamento de um critico", discorda dessa opinião com um ponto de vista muito pessoal.

ANITA PAGE
no seu ultimo film

Eis um dos argumentos de George Jean Nathan:

"O cinema mudo tinha um attractivo para a parte do publico, muito consideravel, cuja intelligencia não era propria para supportar o esforço que lhe impunha o theatr em geral.

Elle permittia a esse publico distrahir por pouco dinheiro e se outro esforço que o de conserv os olhos abertos; mais ainda, pe mittia a imaginação do public qualquer que ella fosse, funccion num nivel agradavelmente baixo apparentemente satisfatorio".

Ao contrario, o cinema falado impõe ao espectador tanto esforço quanto o theatro: e a intensidade desse esforço augmenta quando os films são bons.

No ponto de vista do agrado que elles exercem sobre a multidão, o cinema e o theatro estão agóra no mesmo plano. O primeiro possue um certo numero de defeitos dos quaes o segundo está livre. Nathan ennumera assim essas imperfeições:

"O grande successo popular do cinema mudo era incontestavelmente devido á admiração das turbas pelas suas lindas figuras e pelas qualidades que lhes attribuiam. Ora, uma vez que nada é mais agradavel aos olhos do que as photographias dos musculos do pescoço ou do maxilar de um homem ou de uma mulher em acção, e que não ha nada de menos aphrodisiaco do que a palavra, não é difficil prever o desencantamento do publico outrora excitado".

As estrellas do cinema mudo eram imagens que se podiam adornar com todas as qualidades imaginaveis.

No film falado ellas não são mais que vulgares caricaturas de homens com vozes que o microphone despe de todo encanto. Não têm mais vida, têm menos realidade do que um actor no palco. Essa ausencia total de dynamismo no cinema será a causa do publico se fatigar dos fantoches vasios e voltar para o theatro em busca de homens e de mulheres de carne e osso.

Segundo a pittoresca expressão de Nathan, o cinema falado é para o theatro o que o "gramophone" é para a opera, a lithographia para a

pintura, o gesso para a esculptura e uma casa de boneca para a architectura" e assim será sempre, pois o grande critico não confia no possivel aperfeiçoamento dos apparelhos

MARLENE DIETRICH

na piscina da sua linda casa de Hollywood

de fórma que consigam transmittir a voz humana com todo o colorido e todas as inflexões.

Nathan entra em detalhes technicos da arte dramatica e compara as possibilidades do theatro legitimo e do cinema falado:

"Quando a conversação cessa momentaneamente na scena dramatica, o silencio parece natural. Mas no film falado, o silencio é grotesco e embarassante. Os personagens, depois de terem falado, não sómente cahem no mutismo, mas tambem tornam a ser manequins, sombras..."

Entretanto, se o cinema falado não constitue um perigo para a arte dramatica, ameaça seriamente aquelles que dão vida ao theatro: os actores. Muitos artistas dramaticos já estão filmando. Quando voltarem, de onde Nathan chama maliciosamente "as férias no Klondike", veremos como a passagem por uma arte differente lhes foi prejudicial:

"A representação no cinema falado, para produzir bastante effeito, leva aos ardis mais grosseiros e mais artificiaes da arte theatral; a subtileza é sempre perigosa; o melhor actor de cinema é aquelle que, se representasse a mesma peça da mesma maneira no palco, seria o peor".

O actor que filmar durante muito tempo readquirirá todos os defeitos que tinha no principio da carreira:

"Exaggeros, caretas, emphase demasiada, necessaria para produzir effeito nas ultimas filas das espaçosas cathedraes cinematographicas, pausas desastradas para emparelhar a acção e o dialogo com a lenta comprehensão do publico de cinema, um modo de agir novo adaptado á scena de dimensões restrictas do cinema falado — tudo isso cahirá sobre o theatro dramatico quando os "viajantes" voltarem".

Os argumentos de Nathan são verdadeiros para a America, não para a maioria dos paizes onde quasi todos os artistas dramaticos, continuam se consagrando exclusivamente ao theatro.

Deduz-se sobretudo desse livro a predicção que o cinema "falado" (e não "sonoro": Nathan tem muito cuidado em fazer a distincção), fatigará o publico pela falta de vida que só o theatro póde conter.

B a i l a d o

D a n t e   C o s t a

O seu corpo dansando diabolicamente nos meus olhos. Na minha imaginação que não cansa...

Gestos sem rythmo, desvairados, impetuosos, asymetricos.

Movimentos de côres passando confusamente no meu espirito. Ronda de côres. Verde. Amarello. Rôxo da sua sensibilidade morbida. Vermelho dos seus instinctos. Negro dos seus cabellos. Roseo dos sonhos bons da sua meninice, roseo que você não tem mais...

No som de uma musica que meus ouvidos não ouviam, a agilidade branca do seu corpo cirandando.

Pensei nas mulheres materiaes. (Você estava tão agil, tão fina, tão movel, que era quasi diaphana, transparente, imponderavel). E vi naquella movimentação um estranho symbolo da nossa vida. Contracções fortes Harmonias ondulantes, nos gestos das suas mãos claras. Distenções curiosas, que pareciam meu espirito indo lhe buscar, passando por cima das coisas, pro encontro esperado... Jogos de membros, dansa de seus cabellos no ar feliz, vôos incriveis de seus pés esguios furando o vento como uma lamina de aço.

Assim, nossa vida.

Feita de sensações differentes. Agitada. Misturada. inquieta.

Só as variações realizam o milagre do encantamento.

A felicidade é o ineditismo das nossas sensações.

E' a mutação malabarista das coisas.

E' este bailado de transfigurações impares que meus cinco sentidos estão louvando.

Escute:

Este bailado foi um sonho...

T u
e
o v e n t o

Hontem, vi o Vento brincando com os teus cabellos...
Estavas na praia, sentada na areia, e olhavas o Mar...
Olhavas as velas, perdidas, ao longe, na esteira do Mar...

O vento trançava seus dedos de seda brincando comtigo...
Puxando os cabellos por sobre o teu rosto,
Puxando os cabellos por sobre os teus olhos,
Beijando-te dôido, perdido de amor!...

Ficaste zangada, com o vento, e te ergueste,
E eu vi que Elle abrindo seus braços de seda
Cobriu-te de abraços...

Ficaste amúada, prendendo os cabellos,
Prendendo o vestido, mas rindo, gostosa,
Cahida em seus braços...

. . . .

Ah, minha Mãe-Preta, que outr'ora contavas
Historias de Fadas!... Historias de Amor...
Tu bem que dizias que o Vento era um Principe
Ousado, atrevido,
E conquistador...

ADELMAR TAVARES

1932 — RIO

IDEAL

Photo Willinger
Studio Talbot Keystone

FLAVIO DE ANDRADE
(por elle mesmo)

RUBINSTEM
(Desenho de Flavio de Andrade)

De Flavio

ELISA COELHO
(Desenho de Flavio)

PASCHOAL CARLOS MAGNO
(Synthese de Flavio de Andrade)

LUIZ DE GONZAGA
(Desenho de Flavio)

Au clair de La lune

O ANJO FANTASIAL

CONHECI Charlie Chaplin alguns annos antes do meu nascimento. Nessa época eu morava numa dessas regiões celestes de que fala Maeterlink no "Oiseau Bleu", onde estão reunidas as almas antes da encarnação terrestre.

Havia lá almas novas, que nunca tinham vestido as roupas de carne e osso de homem ou mulher. Havia principalmente a immensa multidão de almas que, desde a Creação, usaram innumeros corpos humanos durante as successivas reincarnações atravez dos seculos.

Eu fazia parte dessa ultima categoria. Minha alma vestira já as mais diversas carcassas corporaes sem ter ainda attingido os altos cumes de perfeição moral exigidos para ser promovida a seraphim.

Depois de ter sido successivamente — eu tenho boa memoria — escrava sob Caligula, druida nas florestas gaulezas, "bouffon" na corte de Chilpéric, tenente do bandido Mandrin, rei de Portugal, membro da Convenção de 93, marechal de coco no Segundo-Imperio, esperava com serena philosophia a hora da minha proxima incarnação.

Ah! Que bom tempo!

Passavamos a maior parte dos nossos dias a contar mutuamente as nossas recordações terrestres.

Lembro-me ainda muito bem do grande successo que obtive quando contei o caso da minha execução capital:

— Sim, meus amigos, fui suppliciado numa roda na praça de Genebra no anno de 1754.

— E' exacto, affirmou sentenciosamente um dos meus ouvintes, eu era nessa época escrivão do tribunal e fui eu quem teve o prazer de lhe ler a sentença junto do cadafalso.

Todos contavam as suas existencias anteriores e o tempo passava agradavelmente no nosso recanto ethéreo.

Dos anjos encarregados de nos vigiar eu elegera Fantasiel, o mais gracioso, o mais vivo, o mais alegre dos seraphins.

Fantasiel era adorado por todos. Como o seu nome indicava, a sua celeste fantasia, o seu genio angelico e muito humano ao mesmo tempo faziam a alegria de todas as jovens almas á espera de reincarnação. Parecia que aquelle Anjo do Riso tomara por missão divertir as infelizes almas penadas, e fazel-as esquecer, pela magia da sua fantasia alada, todas as tribulações que as esperavam na terra.

Fantasiel! adoravel Fantasiel, de longos cabellos em cachos espalhados em mechas loucas, e cuja aureola sempre collocada ao contrario assemelhava-se a um sobrenatural chapéu de clown!

As celestes phalanges, embora a gravidade profissional, divertiam-se com as graças imprevistas e sublimes do funambulesco Fantasiel.

Quantas vezes o vimos, depois de criticar qualquer "anjo-ajudante" pretencioso, vôar, para escapar á perseguição, em cambalhotas vertiginosas atravez da Via Lactea, dependurar-se pela argola da sua bengalla a qualquer "velha lua" na phase crescente e transformar em "toboggan" um arco iris!

Esse anjo de genio celestial honrava-me com particular sympathia e contava-me as suas pittorescas aventuras. Depois de numerosas encarnações na terra fôra emfim julgado digno de ser incluido nas phalanges de Mais Alto. A sua alma infantil e pura conservara a lembrança de multiplas existencias terrestres.

— Sempre escolhi para vestir a minha alma os corpos mais humildes, dizia-me elle.

O meu eterno bom humor, a minha philosophia sorridente davamme forças para supportar os mil e um pontapés, que o sapato cravejado de pregos da vida gosta de dar nos pobres pequeninos. Fui sempre, confesso, sem vergonha, um eterno vagabundo. Da minha primeira á ultima incarnação, nunca succumbi á tentação de escolher, para deposito da minha alma, o corpo de um grande da terra. Nunca!... Tinha a intuição de que o sacrificio que fazia, de uma felicidade éphemera junto dos homens, era vantagem para a vida da perfeição. Não me enganei como pode verificar pela minha aureola. Só, guarde bem isso, meu querido amigo, só a provação dolorosa da vida pode purificar uma alma e tornal-a digna do mais alto destino.

Mas era menos por calculo do que por vocação natural que eu me incarnava sempre nas existencias humildes. Temia, incarnando-me num corpo rico ou de soberano, perder essa divina alegria com que o Senhor dotou a minha alma na Creação".

E Fantasiel accressentava com adoravel e luminoso sorriso:

— "O Senhor, ama aquelles que sabem conservar atravez de todas as baixezas, de todas as miserias da vida humana, uma alma alegre e candida de criança! Mas, dentro de pouco, no seculo da "machina" os homens serão tristes e graves desde o berço. E os clowns serão as unicas, as ultimas crianças da Creação".

Um dia — se a memoria não me engana, uns onze mezes antes da minha actual reincarnação—o Mais Alto, em pessoa, foi passar em revista o nosso celeste "deposito de almas".

Não podiamos vel-o, mas ouviamos a Sua voz.

Uma voz grave e muito doce ao mesmo tempo, que chegava a nós atravez do infinito numa majestosa e harmoniosa melodia.

E a sua voz disse:

— Felizes e corajosas as almas que se incarnarão a partir de hoje. Atravessarão grandes e terriveis provações.

Os véos do Futuro se elevam diante dos Meus olhos. Os homens, os pobres homens tousados de loucura sanguinaria, vão se matar uns aos outros. E essa monstruosa mortandade mergulhará o mundo inteiro na abominação e na desolação!"

A voz divina calou-se um instante. Um suspiro profundo encheu a immensidade.

Depois tristemente a voz recomeçou:

— Eu queria impedir essa coisa horrivel... Mas, infelizmente não poude!... O homem tem o seu livre arbitrio... O homem não é um escravo... O homem é o livre organizador do seu Destino. Mas não quero que depois do abominavel massacre a humanidade perca toda esperança, e deixe a tristeza e o insipido aborrecimento reinarem como macabros vencedores na minha Creação.

Para o marasmo e a desolação só ha um remedio: a Alegria! A Divina Alegria creadora da Felicidade e da saude moral.

Por isso decidi. Eu o Senhor Todo-Poderoso, da minha Alta Sabedoria e Paternal Previdencia, decidi enviar á terra um dos meus anjos preferidos, muito conhecido por todos sob a abobada celeste, pela irresistivel, a sã, a santa fantasia da sua alma immortal. Fantasiel, pois és tu, meu filho, e já tinhas adivinhado de quem se tratava, Fantasiel, resolvi, repito, enviar-te á terra para cumprires essa missão sagrada.

mon ami Charlot

TEXTO E DESENHOS DE CAMI

Tua alma angelica se incarnará proximamente num corpo prestes a nascer. E o ser que tu animarás com o teu genio, dará mais tarde aos povos mergulhados na tristeza, o prazer do Riso e da Alegria salvadora!

— Senhor, respondeu então a voz tremula de Fantasiel, como poderei, incarnando-me numa simples creatura humana, conseguir distrahir os povos desgraçados por semelhante carnificina?...

— Não temas nada, Fantasiel. Vae em paz! Cumpre a tua missão. No dia e á hora escolhida por Mim, o homem que tu animarás com o teu espirito angelicamente alegre, espalhará entre os homens a Santa Consolação do Riso! A voz calou-se.

CHAPLIN E CAMI QUANDO SE ENCONTRARAM EM PARIS PELA PRIMEIRA VEZ EM 1921.

— Senhor, que a Vossa Vontade seja feita! — respondeu Fantasiel.

. . . .

. . . .

No dia 16 de Abril de 1880, num velho suburbio de Londres, nasceu Charlie Chaplin.

———

Quando vi o primeiro film de Charlie Chaplin, senti no coração a commoção mysteriosa que dão as revelações. Esse "Charlot" onde o encontrára?

Esses cabellos emaranhados, essa cartolinha de abas retas semelhantes á uma aureola comica, e esses olhos sobretudo, esse olhar profundo de brilhos estranhos...

Onde o vira...

E escrevi a Chaplin.

E Chaplin me respondeu.

Fallava-me nos meus livros...

Eu lhe falava nos seus films... Nunca nos viramos e tinhamos a impressão de nos conherermos ha muito. E quando elle chegou a Paris, quando nos vimos pela primeira vez, parecia a nós que nos reencontravamos. Não falavamos a mesma lingua e conseguimos nos entender.

Eu procurava falar francez com a pronuncia de americano.

Elle procurava falar inglez com a pronuncia do parisiense.

Essa lingua barroca, abracadabrante não tinha segredo para nós.

(Termina no fim do numero)

Por
IGNACIO
B. AUZOATEGUI
Illustração
de
ERNESTO
M. SCOTTI

MEMORIAS DO ESPECTADOR DESCONHECIDO

A neve no cinema parece poeira molhada de branco.

— As reconstituições do passado fracassam sempre: os directores cinematographicos só vêem o aspecto publico das epocas. Preoccupa-os muito que os actores sorriam como personagens historicos e não lhes ensinam a se arranharem como se arranhavam os antigos!...

— O nú no cinema é sempre immoral: é o nú recemsahido da cama.

— A naturalidade é o mais difficil e o mais perigoso dos artificios.

— Lubitsch: grande xadrezista do cinema, sobre o quadro preto, branco e cinza.

— O cinema allemão é, irreprehensivel cacetada, a gymnastica sueca do cinema.

— As obras mediocres determinam, em ultima instancia, o valor e as possibilidades da arte á qual pertencem. As obras geniaes são do patrimonio particular do artista que as produz.

— A belleza de Billie Dove é belleza de copa cinematographica.

— O valor de uma obra nada tem que ver com o exito alcançado junto do publico em um dado momento: uma obra de arte é coisa muito mais complicada do que um comestivel.

— Nos luares cinematographicos a lua parece um ventilador de lua.

— No verão é preciso ter criterio de espectador de verão.

— A luz do abat-jour tem phosphorescencias acinzentadas de esqueleto.

— O assombro abstracto, nas fitas allemãs, traduz-se sempre pela visão febril de umas boccas que pronunciam: a, e, i, o, u.

— O cinema nos ensinou a sorrir correctamente.

— A technica de um director cinematographico nada tem que ver com a technica do jogador.

— O novellista que salva a vida do seu heróe milagrosamente é tão digno do respeito quanto o Anjo da Guarda. (Ninguem pensa que o Anjo da Guarda seja um mal romancista).

— O realismo photographico do cinema russo pertence mais á anatomia do que ao cinema.

— Ha actrizes que depois do pranto ficam com o rosto molhado como de chuva.

— Oh! os quadros geometricos de Lubitsch e os seus céos com estrellas como ardosias salpicadas de cal!...

— Dupont — chronista sensacional dos rincões — faz de cada rincão uma monstruosa "natureza morta."

— O scenario theatral é sempre peça de hotel que olhamos pela fechadura.

— No cinema ha certos gestos que nos dão vontade de filmal-os.

— O equilibrio do cinema é o equilibrio "mais leve do que o ar."

— Carlito caracterisado é tão natural como qualquer de nós caracterisado de pyjama para dormir.

— A força comica de Harold Lloyd é semelhante á do bôbo que apparece inesperadamente no meio de uma reunião de notabilidades: comicidade tão discutivel quanto a existencia do bôbo.

— Os tombos e os tropeções nas fitas comicas puxam, com sustos repentinos, o elastico do riso.

O fim do cinema como arte é distrahir. (Um anjo dourado de Fra Angélico e um arlequim de Picasso são, antes de tudo, divertidissimos).

— Adolpho Menjou tem o sorriso cansado dos grandes vivedores.

— Só a necessidade póde justificar a creação da obra de arte. Por isso sobram as imitações.

— "O seu temperamento"... diz-se sempre dos artistas maus.

— Corine Griffith conserva sempre uma mascara de pranto recem-enxuto.

— Sem a deformação, a arte — como a vida sem a desgraça — seria demasiadamente aborrecida.

— Pola Negri é sempre a mulher que depois de uma noite má, levanta-se mal humorada.

— A muitos actores a sinceridade dramatica impede-lhes de se pentearem decentemente.

— Ha muita pomada no sorriso de James Hall.

— Para os directores europeus o cinema continúa sendo theatro frequentado.

— Pola Negri é uma grande protagonista e uma pessima actriz.

— Toda technica genial é perigosa como technica.

— Oh! as velhas fitas italianas, illuminadas a gaz!...

— Bocejar no cinema é encher a bocca de penumbra.

— A "chantage sentimental" na arte é tão deshonesta como a chantage pornographica sobre os sentidos.

— O tragico se acha sempre um pouco o athleta da dor.

— O sentido critico deu um passo tremendo sobre o sentido humanitario do espectador: hoje a critica póde elogiar o "villão" sem que o publico se escandalise.

— Muitos actores allemães continuam, apesar de tudo, gesticulando como lagostas.

— Dolores del Rio: uma mulher com magreza de gato.

— As salas de cinema estão substituindo a antiga penumbra por uma pallida luz de caramelo de limão.

— Os detectives das fitas americanas sorriem como se fossem annuncios de dentrificio.

— Maria Corda tem os olhos horrivelmente brancos.

— Em todos os naufragios de cinema a agua alvoroçada queima as velas do desventurado navio, como se fosse um acido.

— Aquella actriz tão ingenua e tão senhora parecia a mãe della mesma...

— No cinema o galã beija só a photographia da actriz. O beijo é uma mariposa pousada sôbre a bocca da mulher desmaiada. Seria necessario engommar os labios para humanisar o beijo cinematographico.

— Como George Bancroft ninguem sabe subir escadas, com aquelle astuto passo de gigante...

— A realidade das velhas fitas é, para o com alguma actriz?

— A realidade das velhas fitas, é para o espectador de agora, a realidade descascada de uma velha parede.

— O jacto de luz do projector completa a illusão de chuva que cahe na fita.

— Gilbert Roland usa collarinhos de enforcado.

— O caminhar de Carlito é regulado pelo coração.

— E i n s t e i n entretem-se construindo scenas para logo as fuzilar com a metralhadora.

(Termina no fim do numero).

Um fazedor de bonecos

Alvarus

Desenho de Nell

Começou traduzindo Guevara e Figuerôa para o brasileiro.

Nesse tempo, já era gordinho, tinha o bigodinho que tem hoje e, provavelmente, uns annos menos.

Depois viu que era melhor ser Aivarus mesmo. Foi. A turma gostou.

Fez estylo. Começou a ter imitadores, inimigos, gente que dizia que elle não tinha talento, gente que affirmava o contrario.

Elle desenhando.

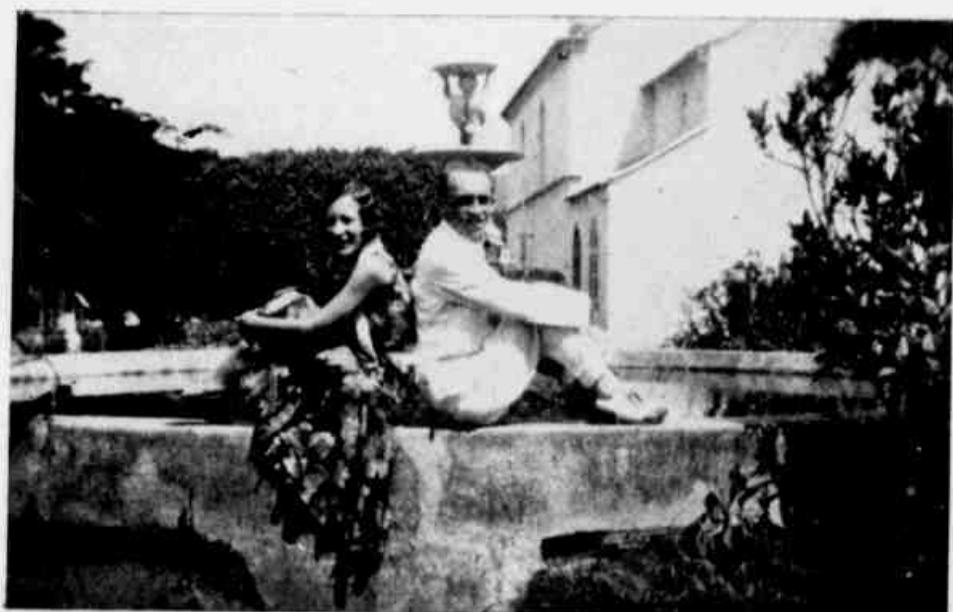
Desenhou em todos os jornaes do Brasil. Em alguns da Argentina, do Mexico e de Portugal, só para atrapalhar.

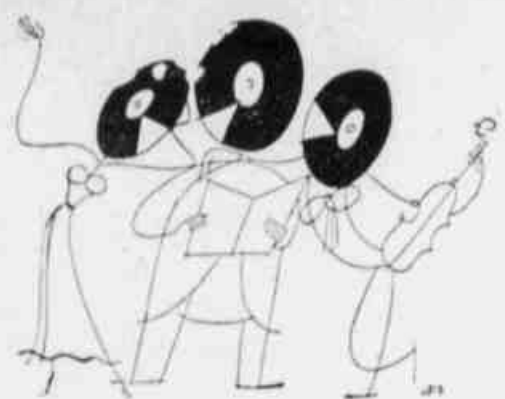
Inventou a parceria artistica-literaria com Ruben Gill. A moda pegou...

E' francamente das camisas de seda. E da campanha da boa vontade. Com elle, não adianta o "tedium vitae"...

Suas caricaturas são optimas. Mesmo quando não sahem parecidas...

L. M.

Enlace Elia Pereira — M. Bentes em Belem, Estado do Pará.

O escriptor realista Sebastião Fernandes ao lado da noiva, Senhorita Arminda Palma, na sua phase romantica. (Esta legenda é delle mesmo).

Correia Dias descobriu o Indio do Corcovado. As filhinhas delle descobriram o Menino do Passeio de gravata...

Emquanto gyram os discos...

Cinderella

O disco **Victor 33.490** traz "**Para o samba entrar no céo**", pelo **Almirante**, cujas palavras são muito engraçadas:

Eu, abaixo fallecido
Ha muito tempo fugido
Da vida o negro escarcéo
Venho com acatamento
Fazer um requerimento
Para o samba entrar no céo

Nosso senhor do Bomfim
Quando escuta um tamborim
Fica louco de alegria
Elle é do samba rasgado
Está no céo contrariado
Com saudades da Bahia.

ESTRIBILHO

Pobre das 11 mil virgens
Vivem chorando de dôr
Por não poderem cantar
"Nós semo é mesmo do amor".

Samba é quasi uma oração
Quando tem o violão
E batido por pandeiro
Além disso eu já sabia
Christo nasceu na Bahia
Até Deus é brasileiro.

Nossa senhora da Penha
Está louca que o samba tenha
No céo a sua morada
Esta santa padroeira
Ficaria a noite inteira
Ouvindo uma batucada.

Do outro lado desse disco, um optimo samba: "**Como não tenho sorte**", tambem cantado pelo **Almirante** e seu alegre bando de Tangarás.

Outro samba magnifico é o **La-hu-la-ho** — do disco **Victor 33.492**, tendo no verso um "chula raiado"

Patrão prenda seu gado.

O disco **Victor 33.493** traz **Rosalina**, samba vivaz de **Orestes Barbosa** e **Flôr do Asphalto**, fox-samba do mesmo autor.

JOUBERT de Carvalho e Luis Martins: o musico e o poeta da canção: "O Indio do Corcovado" que todo o Brasil vae cantar. Joubert é o autor queridissimo de "De papo pro ar", "Tá hi", "Zingara", "Pierrot" e uma chusma de coisas bonitas. Luis, o Martim Luz da pagina "Na Cidade", além de poeta moderno, é um dos nossos mais interessantes autores theatraes. "O Indio do Corcovado" entrará na popularidade pela voz de Jerusa Basto, a ultima descoberta sensacional de Joubert de Carvalho.

Em São Paulo

PASCHOAL Carlos Magno desappareceu da circulação. Está agora sendo o cartaz de successo da Paulicéa. Ali não tem descansado um só instante. Reassumiu a direcção artistica da Companhia de Comedia Brasileira. Fez uma conferencia a convite dos promotores da "Quinzena do Livro Nacional". A mocidade das escolas tambem tem manifestado a sua sympathia ao fundador da "Casa do Estudante do Brasil". É o que se póde ver na photographia que estampamos: Paschoal Carlos Magno presidindo o banquete commemorativo do segundo anno de formatura dos bacharelandos de 1929.

O Samba

Marina Coelho Cintra

JUVENTUDE

Desenho a penna de Edgard Tytgat

Vamos falar um pouco sobre o samba? Essa cousa saborosa, gostosa, que diz segredos lindos á alma da gente, que acaricia e beija os nossos ouvidos, bole deliciosamente com os nossos nervos e faz palpitar e sentir o nosso coração, tanto, com tanta saudade ninguem sabe de quê, e tamanha nostalgia inexplicavel, e amor, e doçura, e bem-estar, e alegria, que complicação! tudo junto, a mudar inteirinho o espirito da gente, não é?

O samba! Essa cousa que é um pouco de tudo, é musica, é lagrima, é gargalhada, é carnaval, é semana-santa, é paixão, é vida. Inebriante como a pôlpa da mangaba, de um sabor perfumado como a fruta do bacury, e bonita por dentro e por fóra como a rôxa grumixama, que são beijos do nosso Brasil na nossa bocca... Assim, o samba é a asa de velludo dos nossos passarinhos acarinhando ao de leve o nosso olhar, o samba é a polychromia das nossas borboletas de sonho, aflorando, muito ao de leve, a epiderme sensibilissima de nosso coração!

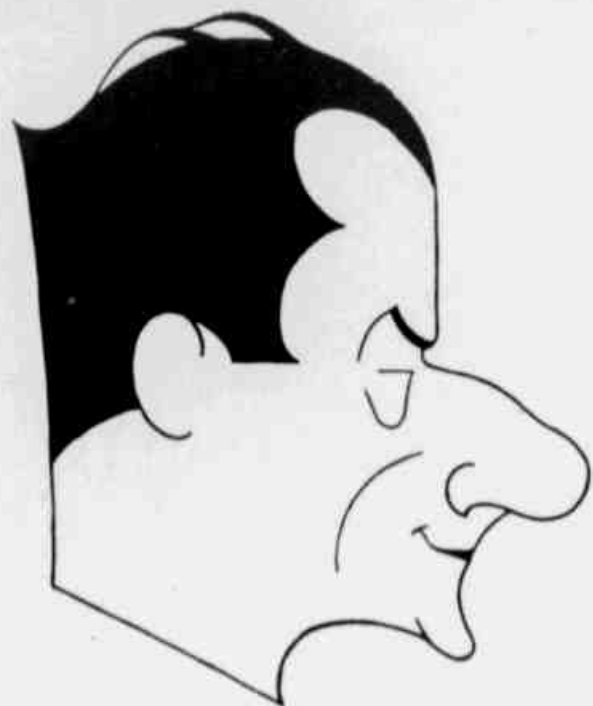
Elle evóca os guizos dos nossos dias de folia, quando os ranchos brasileirissimos, bem-amados da tristeza porque a transformam logo em disparatado regozijo, e mudam a careta, goivo da amargura, em um fremito de gozo que faz nascer o riso, girasol da alegria quando os ranchos pigmentados mas tão cheios de communicativo enthusiasmo, o coração nas mãos a mostrar toda a sua bondade, vêm para a rua, feita expressamente para passar uma salutar esponja por cima das nossas melancolias! E elle evóca, tambem, ao mesmo tempo, as delicias da paixão, o grande mal do amor, a ingratidão dos zinhos e das zinhas, as feridas da alma, puxando longamente, longamente, como uma unha adestrada em cordas de violão, a fibra que repercute em nosso peito, longamente, longamente, sem parar... Que saudade! E o samba é religioso, sim, profundamente religioso, como o céo do nosso Brasil, esse céo tão celebrado por mil poetas, que se desesperam por não conseguir pintal-o em seu azul incomparavel!

E o muito que nos diz o samba? E' assumpto que jámais se exgotta. Empenham-se os seus apaixonados (todos nós) em entrevistar os mestres divinos que os compassos do samba deslumbram e que, ouvindo suas variações nas nuvens do firmamento quando essas variações são transmittidas ao bico dos nossos passaros, tão bem sabem, depois, contar seus primores ao coração da gente, e de maneira tal, que se fica na duvida sobre o verdadeiro caracter do samba! Que é o lindo samba? E' musica ou é uma alma em pedaços? E' hymno ou é paixão que se ouve? E' toada ou paraiso? E' canção ou saudade? Samba, samba, que é que você é?...

E como tem côr local! Sem precisar estudo nenhum, sabe-se logo onde foi que este ou aquelle samba nasceu. O carioca é tão familiar que, de olhos fechados, se conhece: petulante, humorista, chorando e rindo ao mesmo tempo, levando a vida na flauta, é bom como elle só... O paulista é bonito, mas monotono e fatigado como o mormaço que castiga o corpo, e fala admiravelmente das cigarras que chiam, do carro de bois que avança lentamente de rodas gritantes, do ranchinho de sapê a cuja porta dormita o matuto de cachimbo, accocorado, sentindo o doce torpôr da soalheira, o quebranto da hora quente... O nortista é engraçado, alegre, fala depressa os termos tapuias, e conta historias impagaveis de doenças, e astucias de mulher, e bobagens de homem... E' o "compte-rendu" dos violeiros famosos aos nossos ouvidos cariocas, que os não ouviram ainda, infelizmente. O gaúcho é repinicado, dansante, buliçoso, matraqueado, faz o diabo nos nervos da gente, convida á chimarrita, faz sentir o cheiro do churrasco, evóca as cavalhadas em planicies coroadas por uma lua enorme, ao vento e ao frio, tem mugidos de rez, relinchos de pôtro, risadas de china bonita, fanfarronices de valentão, fumaça espessa de fogueira de estancia... E' o réco-réco, é o chocalho, é a melodia boa, tudo a nos dar uma gana irresistivel de dansar!

E' pena não poder contar mais nada do samba. Faltam outros logares do nosso Brasil, que têm essa canção do céo. Mas, já vae grande a conversa fiada. Fica para outra vez, sim?

Entre os livros

Os Cinco

Sylvio Figueiredo, que acaba de publicar "Contos que a vida escreve" — "obra fórte e pessoal, colorida no estylo e profunda nas idéas", como bem a definiu Carlos Maul. (Auto-caricatura).

"A MULHER E O DIABO", BERILO NEVES — O diabo tem sido um dos motivos mais explorados na literatura de todos os paizes e uma das grandes seducções dos literatos de todos os tempos.

A obsessão constante da Edade Média, que inventou o seu prestigio terrifico e maléfico, chegou a crear uma literatura especializada: a demonologia. A proposito de uma peça de theatro minha, ainda inédita, e que tem o Demonio por um de seus personagens, Joaquim Ribeiro, possuidor de uma cultura invulgar e invejavel, apesar de sua mocidade, relembrou que, na época medieval, "junto a cada senhor feudal, a cada pagem, a cada escudeiro, havia sempre um demonio tentador". E por isso, a Edade Média "é attrahente, justamente pela obsessão demoniaca que a caracteriza".

O joven mestre do "folk-lore" responsabiliza o liberalismo pela desmoralização moderna do Diabo. A verdade é que o Mephistopheles de Goethe, fruto de uma época de liberalismo, contrasta singularmente com os habitadores complicadissimos do Inferno de Dante. O "Fausto" é o grande poema dos tempos modernos, como a "Divina Comedia" o é da época medieval.

O Diabo do Sr. Berilo Neves é um diabo absolutamente inoffensivo e moderno. Seculo XX.

O escriptor russo Leonidas Andreiev tem uma obra singularissima, "O diario de Satanáz", em que o senhor do Inferno, sem malicia e sem maldade, é escandalosamente vencido e enganado por um homem grosseiro e vulgar.

Pois Macchiavel embrulhou tambem o Demonio do Sr. Berilo Neves... Aliás, o Rebellado é tratado com muito pouca consideração pelo autor irreverente da "Costella de Adão". Serve para assumpto de contos humoristicos, e de optimos contos humoristices, o que já é servir para alguma coisa.

O Sr. Berilo traçou uma caricatura gosadissima do Inferno.

Outro genero que decididamente seduz o brilhante escriptor é o que celebrizou Julio Verne, Wells e foi tratado, entre nós, recentemente, pelos Srs. Moteiro Lobato e Menotti del Picchia e incidentemente, ha muito tempo, por João do Rio.

A angustia de espaço não me permitte mais do que reaffirmar uma coisa que a quasi totalidade dos criticos já proclamou: o Sr. Berilo Neves, um "conteur" inconfundivel e brilhantissimo e "A Mulher e o Diabo", um bello livro. — **Luis Martins.**

5 LIÇÕES DE PSYCHANALYSE — A Bibliotheca Pedagogica Brasileira, na série **Iniciação Scientifica**, dá-nos agora **5 lições de psychanalyse**, do professor Sigm. Freud, traduzidas por Durval Marcondes e Barbosa Corrêa. Embora não tragam nada de novo sobre as theorias do notavel professor allemão, essas lições interessam grandemente. Proferiu-as Freud em 1909, na "Clark University", em Worcester, constituindo a primera exposição systematica da theoria freudeana. A psychanalyse fazia ahi a sua confirmação e abria novos rumos á sciencia. Acquisições posteriores vieram confirmar as doutrinas de Freud, hoje de preoccupação e reconhecimentos universaes. As **5 lições** de Worcester despertam interesse não só porque confirmam todas as conquistas modernas da psychanalyse, como porque absolutamente orientam a quantos pela primeira vez tomem conhecimento da obra de Sigm. Freud. A' literatura scientifica, prestaram os Drs. Durval Marcondes e Barbosa Corrêa assignalado serviço, traduzindo as cinco notaveis lições sobre as investigações psychanalyticas do co-autor dos **Estudos sobre a histeria — CARLOS RUBENS.**

"O thema da nossa geração" — Cadido Motta Filho — Schmidt Editor.

O Brasil fica devendo á Revolução de 1930 este grande beneficio: a intensificação da nossa actividade mental. Reparem que esplendido trabalho vae por ahi. Todos os dias a nossa literaturazinha ganha novos livros. De ficção ou de estudo. Romances, novellas, chronicas, contos, poesia, ensaios, biographias, etc. E, o que é melhor, ha um apuramento sensivel na qualidade delles. A maioria é de livros que valem a pena. Pra só citar dois, vejam **"Cabocla"**, o romance delicioso de Ribeiro Couto, ou então, sahindo da literatura de imaginativa, este ensaio politico do Sr. Candido Motta Filho: "O thema da nossa geração".

O autor procura exaltar e chamar a attenção da nacionalidade pra obra discutivel de Alberto Torres. E vê, nas theorias politicas do antigo pensador fluminense, a possivel solução pro caso brasileiro.

Estudando o nosso estado actual, e tambem a nossa defeituosa formação politica e historica, o Sr Motta Filho traça paginas seguras e firmes, argumentando e explicando os pontos de vista que adoptou.

Nem sempre a gente concorda. Felizmente.

Quando estuda trechos da Organização Nacional de Alberto Torres, o admirador se trae. E esquece que o mestre foi um theorico prolixo que "em todas as funcções politicas em que esteve, não deixou um traço que o distinguisse da mediania dos politicos brasileiros". Comtudo o Sr. Motta Filho é sincero, e, com convicção, affirma: "A nossa geração viu em Alberto Torres um mestre para a reorganização moderna do Brasil, capaz de sugerir uma nova vida mais ampla e mais confortadora". — **D. C.**

A professora D. Maria Serra Franco, do Grupo Escolar Delfim Moreira, e sua alumna Ruth Macedo, primeira classificada nas provas finaes do 11o entre as que terminaram o curso este anno e que recebeu a medalha de ouro, premio Dr. Pedro Ernesto.

A Virgem das bonecas

Por MYRIAM HARRY

AS caixas chegaram, Selim ?...

— Não, senhor consul, respondeu o factotum, dobrado em dois na soleira da porta, com a gandura de seda olongada em cauda na frente.

— E' por causa da quarentena, senhor consul; as caixas chegarão aqui dentro de um mez.

— Ora ! De que me servem daqui ha um mez ? E' amanhã o dia de Natal; amanhã é que eu precisava dellas, gritou René.

E desapontado, pensava nas lindas bonecas parisienses, mergulhadas em banhos de enxofre, na desillusão das crianças convidadas, na sua propria alegria destruida.

— Que fazer, Selim ?

— Deus lhe aconselhará, senhor consul.

A gravidade fatalista de Selim sobre o atrazo dos brinquedos serenou o consul. Resolveu percorrer a cidade musulmana á procura de alguns brinquedos. Sahiu, precedido de dois janizaros, de roupas amplas e agaloadas. Com a ponta ferrada dos cajados preciosos, batiam nas lages, e provocavam na rua severa, de casas sem janellas, um éco rythmado e extranho.

Caminhavam na penumbra das abobodas baixas, quando René descobriu no fundo de uma porta, immovel junto dos batentes carunchosos com ferragens arrancadas, uma forma branca e indecisa. Na brancura vaga, dois pontos — dois olhos — fixos e escuros, brilhando com extranho esplendor. René distinguiu uma mulher turca; comtudo não era uma mendiga. Elle quiz seguir o caminho. Ella fez um gesto timido para retel-o, depois, assustada com a propria audacia, recuou, encolhendo-se contra a porta. Os seus véos ondulavam e estremeciam como as azas de um grande passaro amedrontado, mas o olhar continuava, vasto, supplicante, alagado.

René estava intrigado; os janizaros sem curiosidade, se distanciavam.

O sol seguia as sinuosidades das ruas estreitas; escoregava obliquamente na aboboda, se espalhava em labaredas amarelladas. Mais longe, a sombra se condensava. E na luz confusa, René notou que a mulher não estava só. Na soleira, uma criança se agarrava com medo num panno do seu "haïk", com coisas bizarras, disformes e multicôres, dependuradas no pequeno braço, semelhantes a berloques selvagens. Das mãos da mulher tambem, das mãos minusculas e pintadas com henné, pendiam os mesmos objectos deslocados, enigmaticos.

Ella s u r p r e hendêra o olhar do consul. Um pouco animada, com um gesto harm o n i o s o, estendeu-lhe a mão com os pequenos objectos pittorescos. As pupillas profundas e immoveis imploravam.

E n t ã o elle adivinhou. Eram bonecas, pobres bonecas arabes, que a mulher lhe offerecia.

As dobras do "haïk" se desmancharam, elle percebeu sob os tecidos que se moviam, o corpo frio e flexivel de uma jovem. Um raio de ouro estendeu-se na parede. Sob o véo de mousseline transparecia um rosto de belleza primitiva, com a sua pallidez extenuada e a sua doce regularidade. Na atmosphera dourada que nimbava a claridade dos contornos, a mulher e a criança, serradas uma contra a outra, pareciam compôr um fresco mystico, enquadrado no velho portal em arco.

— A Virgem e o Menino, pensou René, a Virgem das Bonecas.

Elle tomou uma das bonecas, examinou-a. Era composta de dois bordões: um que, bifurcando, formava as pernas, e outro que cortava-o pelo meio como braços em cruz. A cabeça feita de retalhos, pallida, calva e torcida, prendia-se mal no corpo sem pescoço nem hombros. Um p o n t o vermelho indicava uma pequenina bocca, os olhos se arregalavam, enormes, cercados de preto. As roupas, embora muito remendadas, cahiam com uma fartura elegante; e um sequin, cosido na testa, indicava que a boneca era dama de harem. Daquelles brinquedos tão imperfeitos, tão insignificantes, desprendia-se qualquer coisa de commovente, de ingenuo, de imprevisto.

— E' você quem faz estas bonecas ? perguntou René.

A rapariga respondeu baixando as palpebras cujos longos cilios sombreavam levemente as faces.

— Quer me fazer mais?... muitas mais ?...

As palpebras responderam de novo.

— Como se chama ?

— Jasmina.

— Jasmina... Jasmina, v o c ê mesma v a e me levar amanhã as bonecas ?

Ella teve um gesto receioso.

— Sim, peço-lhe, vá... Póde levar o seu filho.

— Não é meu filho, é meu irmão.

— Você não tem marido ?

— Tive um noivo, abandonou-me, disse ella com um gesto triste.

De volta ao consulado, René mandou Selim tirar informações sobre Jasmina.

(Termina no fim do numero).

MO

TUSSOR branco com tiras de tussor verde. — Tussor azul pervanche com golla plissada de crepe Georgette branco. — Crepe Georgette branco. — Seda escoceza em branco, verde e preto. Bolero preto. — Tussor vermelho com tiras e botões brancos. — Blusa de seda escoceza em branco, vermelho e preto guarnecida com dois laços de fita branca.

DIZEM que em todas as epocas os successos politicos sempre repercutiram nos costumes e na moda, e não estamos longe de acreditar. A desordem que sacode o mundo actualmente nos leva a pensar que atravessamos um periodo de expectativa e que é preciso ter paciencia sem buscar explicações.

E' certo que as ultimas collecções das modistas não deixaram a impressão bem clara de uma direcção, de um movimento perfeitamente desenhado, para uma moda determinada. Ensaiam, propõem diversas linhas, mas sem affirmação precisa. Vemos na serie de modelos um reflexo do estado de animo actual.

Lord Byron dizia que a velha cidade italiana de Piza tinha um "ar fatal". Assim póde-se dizer da moda de 1931-1932 que tem um "ar indeciso".

Porque não sabemos si será acceitada essa especie de "pufs" que algumas ca-

DAS

sas propõem; si são praticas as gollas simples para darem mais importancia aos enormes punhos; si os casacos curtos para noite continuarão, e por fim si as fartas mangas apresentadas por certas casas terão repercussão.

Ao lado das casas que propuzeram numerosas idéas, ha as que preferiram conservar o que já existia, renovando sómente as côres. Por exemplo, para noite, adoptaram o setim brilhante branco ou de tom muito claro.

Uma outra novidade muito interessante é o vestido simples de typo "chemisier" em setim branco. Esses vestidos quasi sempre se acompanham por um casaco de tom vivo ou preto.

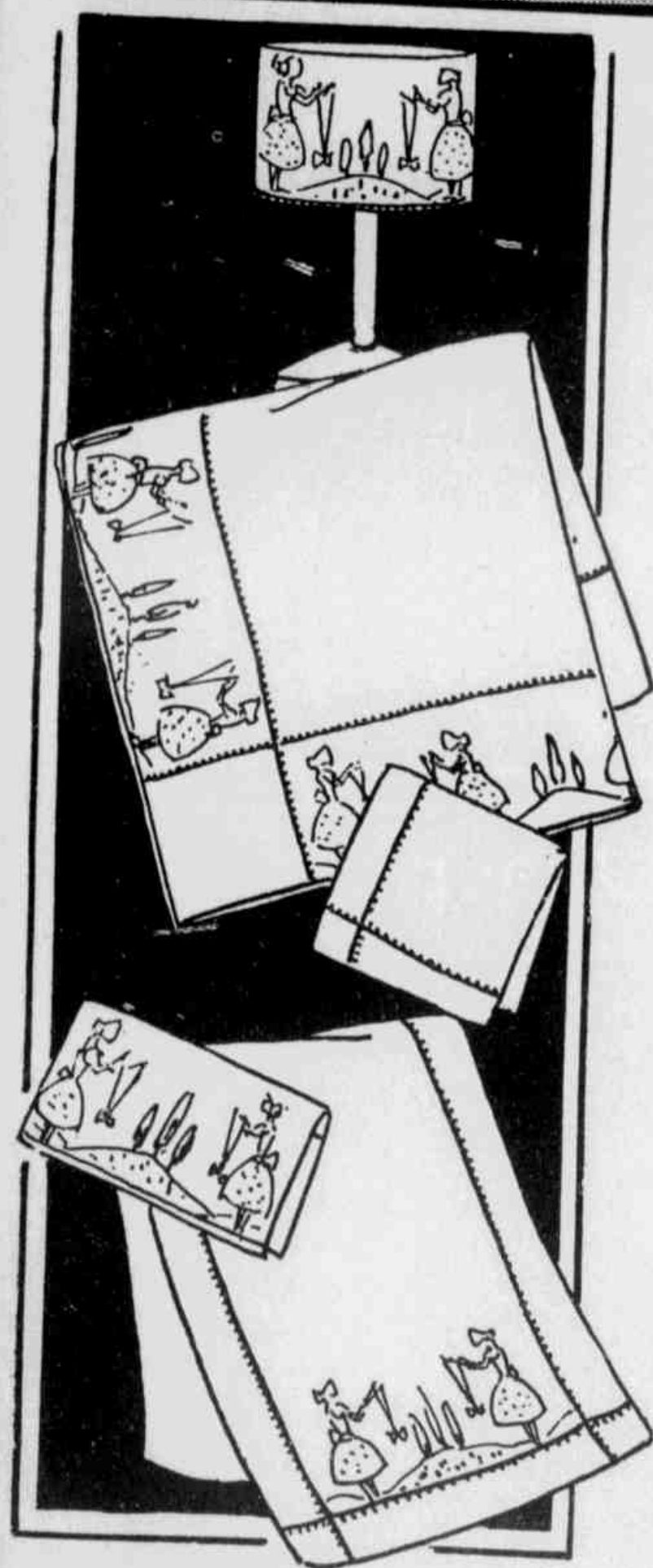
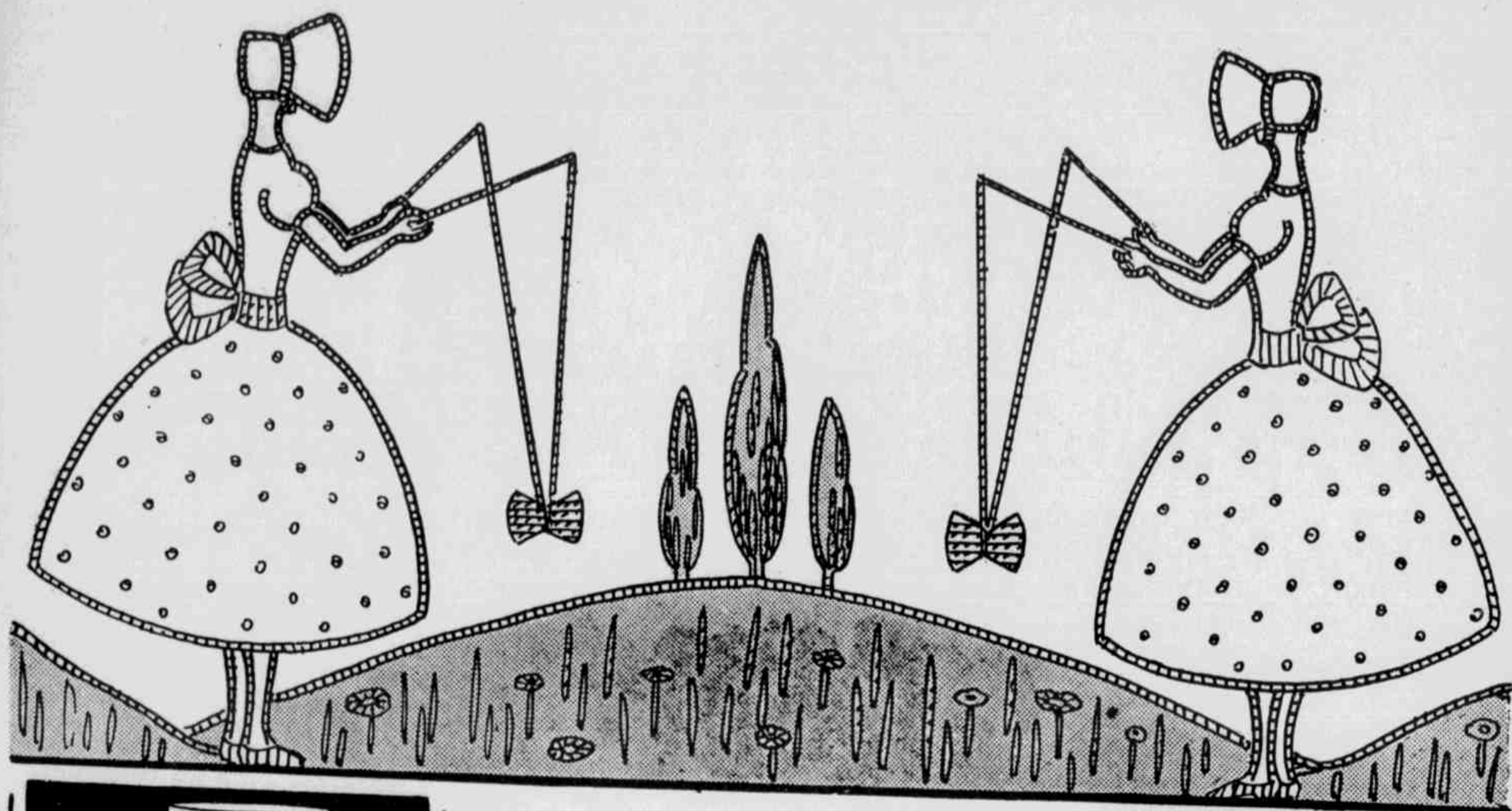
A preferencia pelo branco é a unica coisa bem marcada nas collecções novas. E' uma côr que realça as pelles morenas tão em moda. Hoje uma pelle de lyrio e rosa é tudo quanto póde haver de mais desastrado. Quando entra num salão alguma mulher de cabellos escandalosamente oxygenados e o rosto muito "caiado" é olhada como exemplar fugido de qualquer museu de antiguidades...

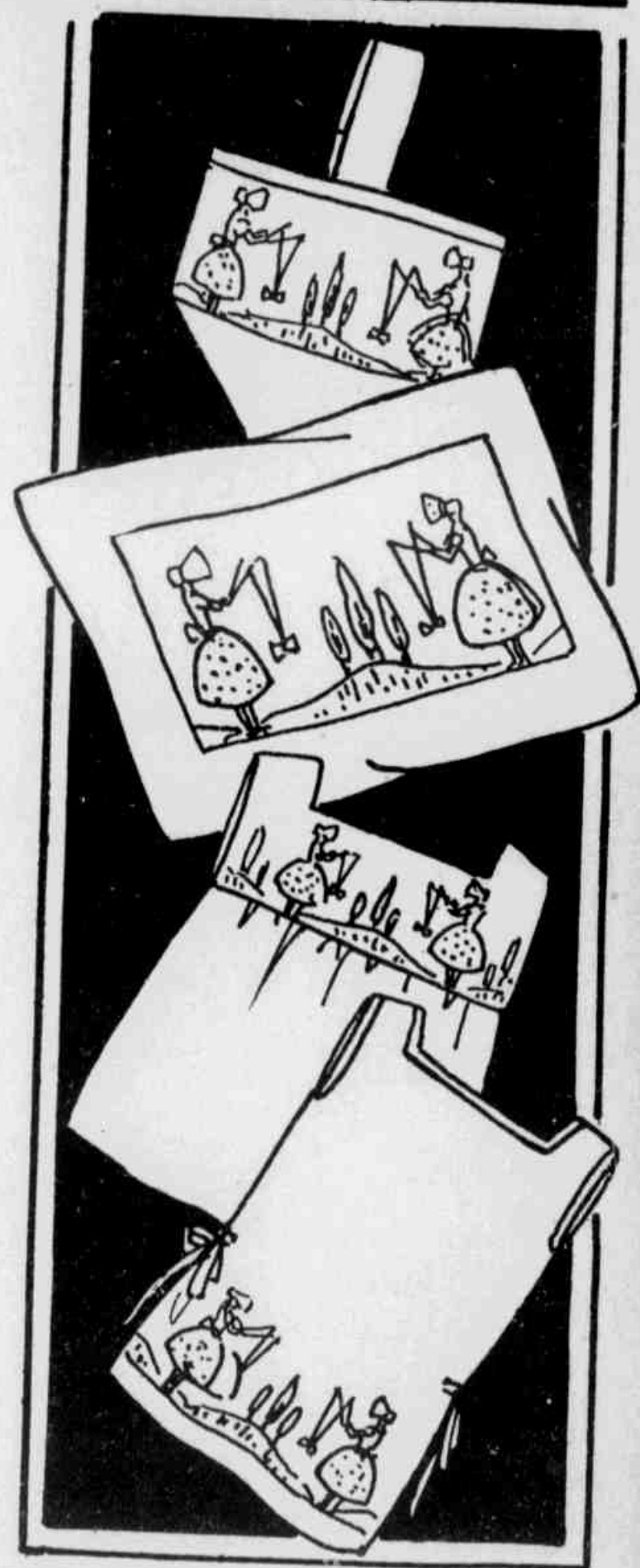
•••

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos, Ouvidor, 134 e 160.

DUAS peças de Schiaparelli. Saia em crepe setim estampado com bolas de dois tons de verde sobre fundo branco. Casaco de crepe setim verde vivo. Pequena écharpe no tecido da saia.

VESTIDO simples em crepe da China preto. Casaco de crepe marocain verde pistache.

Os trabalhos da semana

ESTA encantadora evocação de um jogo que fez furor antes da guerra, este gracioso motivo serve para a decoração de innumeros objectos. Mostramos aqui, como exemplos, um pequeno "abat-jour", uma toalha de chá, um "enveloppe" para guardanapo, um centro de mesa, uma bolsa para trabalhos, uma almofada, um vestido e um avental para criança.

O bordado é muito simples e o effeito surprehendente.

A Morta

Conto de Pierre Dominique
(FIM)

melhor num velho odio. Bons alimentos para taes almas.

Num dia do mez de Maio, quando passeava entre as cestas de peixes e de mariscos, o juiz de paz que era dos seus amigos, approximou-se e disse-lhe:

— Sabes, Marcos, o teu irmão, esta noite, pelas onze horas, cantava uma canção de amor acompanhando-se ao bandolim.

A phrase feriu Marcos como uma facada. Parou, olhou o juiz e disse:

— Antonio, tu estás louco.

— Eu ouvi.

— Tu estavas bebado, Antonio.

— Ouvi... com estes ouvidos.

Puxou violentamente as orelhas para provar que ellas existiam.

Como Marcos não quizesse crêr, o juiz levantou a mão, e quasi gritando jurou sobre a cabeça dos filhos:

— Que elles fiquem cegos si eu não digo a verdade! Quero leval-os amanhã ao cemiterio si estou mentindo!

E foi por isso que, naquella manhã, Marcos deixou a Marinha muito cedo e dirigiu-se para a casa dos Uccelli.

Depois que voltára de França sempre se conservára afastado pelo menos cem metros da casa, distancia enorme naquella pequena cidade estreitamente murada. Na rua, assim que o viram, houve um grande rumor e as mulheres se agglomeraram com ares tragicos. Um grupo de garotos seguiu-o e as moças puzeram a mão no coração.

— Ohimé! que irá acontecer? Elles vão se matar! Ohimé!

Elle não via nada. A porta rangeu, como espantada: Marcos começou a ascensão da escada de pedra, direita, ingreme, terrivelmente ingreme especie de infernal tubo, de quarenta degráos feitos para homens de grandes pernas; disse palavras sem nexo junto da grade e sacudiu-a. A criada appareceu, braços para o céo e olhos arregalados. Elle gritou:

— Abra.

— Senhor Marcos, não tenho licença.

Elle estava atracado á porta:

— Por Deus! abra ou eu farei a fechadura saltar á bala de pistola?

E tirou, do bolso, a arma.

A velha teve medo, mas a prudencia não a abandonou.

— Sem armas, disse ella.

Com um gesto furioso, Marcos atirou a pistola para traz, na escada.

— Estás satisfeita?

— Entre, senhor Marcos.

Elle entrou, oscillando o corpo, a bocca com ansia de morder e, diante de uma porta, pôz-se a escutar.

Ouvia-se a vóz de Paulo, a sua velha vóz, amorosa e rouca, aquella que dantes elle não ousava fazer Santina ouvir. Cantava uma canção de amor. E as palavras eram as mesmas, tristes e doces, que outrora Marcos usára, palavras como braços, como labios, que penetram...

Marcos gritou:

— Paulo!

A vóz se calou. E Marcos, no silencio, exclamou:

— Estás bem alegre!...

— Por que não? disse o prisioneiro.

Um perfume passou sob a porta e percebeu-se um ruido de sedas. Paulo disse ternamente:

— Não tenha medo, Santina.

Depois, com mais rudeza:

— Que vieste fazer em minha casa?

— Imbecil!

— Marcos, não sejas máo irmão. Estou com minha mulher, tranquillo, e não te peço nada. Deixe-nos.

— Santina está lá em cima na capella...

E Marcos teve um riso rapido onde a dor se misturava bizarramente com a alegria.

— Bem, disse o outro. Então, vá vel-a.

Riu nervosamente. Uma pilheria veiu aos labios de Marcos, mas apertou a bocca para não dizer.

Toda a tarde, Marcos percorreu os cafés da cidade e da Marinha, dizendo que Paulo estava louco, e contava o que succedera. Ao anoitecer, repetia-o com a voz mais rouca. Pelo meio da noite, foi rondar a capella.

Do portal fez a sua morada. Ficava lá horas, olhando o porto estreito ou, mais longe o mar encarneirado. Ruidos vagos e perfumes subiam do solo... Ouvia-se como que uma crepitação, como uma arvore que se desfolha. Um abatimento, ás vezes, obrigava o amoroso a se deitar sobre as hervas, e os seus labios erravam na terra como ao longo de um corpo amado. Uma noite elle se arriscou a pedir a chave da capella ao irmão que a atirou pela janella (e foi a unica vez em que o braço de Paulo Uccelli poude ser visto). Em seguida, Marcos subiu ao tumulo e ficou pensando, sonhando. Sonhou e se surprehendeu de uma voz querida não responder e chorou. A capella se assemelhava á todas as capellas; estava quasi nova, continha apenas o pae, a mãe, um em cima do outro, e Santina.

Só no seu canto, a bem-amada. Abrir a porta, encher as narinas daquelle cheiro frio, cheiro de cimento humido, e meditar que atraz daquella placa de marmore havia... Quem? Santina? Na Marinha, todos os dias agora, elle falava em exhumações, tirava razões estupidas do fundo do cerebro onde a idéa formava o deserto. Ás noites, errava diante da casa dos Uccelli, cheia de risos, de bandolins e de cantos.

Uma noite, o outro gritou-lhe que a exhumasse para ver...

— Oh! gatuno de mulheres, vá á capella dos Uccelli, leve Giacomo o louco, duas picaretas e duas pás e é certo que descobrirás alguma princeza...

Depois, com a vóz mais doce, quasi risonha:

— Não é verdade, minha Santina? O louco do Marcos encontrará alguma princeza.

Em vóz alta:

— "Fa presto!" Vá de pressa, ladrão de mulheres! Poderão tiral-a de ti...

— Eu te matarei, porco, gritou Marcos.

Mas, durante a noite, com Giacomo, abriu a porta, accendeu a lampada que collocou sobre o altar, abriram o tumulo, tiraram o caixão e puzeram visivel uma pobre coisa horrivel, com máo cheiro, que o coveiro reconheceu. Descobrindo-se, elle disse:

— A "signora" Santina...

E começou a chorar. Mas Marcos sacudiu a cabeça dizendo:

— Não é verdade! Não é verdade! E gritou: Sabes, eu não quero!

Então, com os braços torcidos, o rosto convulso, rola na terra humida, gritando para as estrellas o nome da bem-amada. Depois, fechou o caixão, e, furioso, com ponta-pés e golpes de enxada, empurrou o horror, cobriu, sellou, como para a eternidade, exclamando:

— Não é verdade! Não é ella!

Scena que fez murmurarem em toda a cidade que estava louco. Em qualquer outra parte era caso da justiça agir. Mas naquelle paiz a justiça não se preoccupa com essas coisas.

Marcos recomeçou a sua existencia preguiçosa de sonhador. A' noite, quando os seus passos nervosos soavam diante da casa dos Uccelli, Paulo, do alto da janella, occulto nas cortinas, tentador invisivel, pedia-lhe noticias de Santina. E ria, ás gargalhadas!...

A ultima pessoa que viu Marcos, um Marcos magro e mudo, foi ainda o juiz de paz, numa noite de Julho. Passearam longamente juntos e se separaram muito tarde, na esquina da igreja dos Templiers. Mas Marcos não tornou a entrar em casa.

Por essa época um homem de imaginação, que sabia o fundo de muita coisa e que conseguia arrancar das creaturas os mais sombrios segredos, materia flexivel para edificantes historias, contou:

— Rapazes, Marcos deixou Antonio e seguiu para onde costumava ir todas as noites: para junto da casa dos Uccelli. Lá, elle suspirava e pensava em Santina que não estava no tumulo. Aquella coisa horrivel não era Santina. Santina era uma

Waldemar Marques, proprietario do "Foto-Waldemar" — Madureira.

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.°

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

carne quente e mãe de todos os perfumes, que brilhava no meio da seda e do velludo. O bandolim, dentro da casa, soava: "Tens razão, ella está aqui..." E Marcos escutou o bandolim e subiu. Sacudiu as grades; a velha abriu, sempre de olhos arregalados e braços erguidos, murmurando palavras assustadas... Diante da porta do irmão, elle disse:

— Paulo!

— Então?

O bandolim parou.

— Onde está Santina?

— Aqui, "per la Madonna", na cadeira, em frente a mim. Marcos, vae-te embora! Vae-te embora!

Marcos entrou, mettendo o hombro contra a porta (a porta estava muito velha) e provavelmente acreditou ver Santina. Meus amigos, como poderemos suppor de outro modo?

Acreditou vel-a tal como era dantes, e se postou diante da imagem dizendo:

— Ella é minha.

Paulo de começo deve ter querido rir (notem que era a primeira vez que os dois se encontravam naquelles dez annos) e depois, penso, tentou afastar o irmão, e então, comprehendem, uma facada rapida.

Imagino Paulo cahido por terra e rolando alguns minutos, o tempo de esvasiar as arterias. Bateu com os pés no assoalho. Depois as mãos crispadas se distenderam. Diante delle, Marcos olhava a sua obra. Suffocado pela visão do cadaver e de todas as imagens que evocava, cerrou os olhos e imaginou que ouvia uma gargalhada...

Procurou nessa noite, procurou na seguinte, e todos os dias durante dez annos.

Essa historia foi ouvida e espalhada com um erguer de hombros. Na cidade, imaginavam que Marcos partira para a America. Pelo alçadão, a criada continuava a levar o alimento a um silencioso que continuava a recebel-o, a passear e a ler. Mas não havia mais canções nem bandolim. E ás vezes ouvia-se uma busca furiosa, moveis arrastados, armarios revistados, paredes sondadas. A casa começou a cheirar mal e depois o cheiro desappareceu.

Dez annos depois, o solitario passou dois dias sem ir ao alçapão. Arrombaram a porta e encontraram dois cadaveres um em cada aposento, um se decompondo e o outro convenientemente mumificado, mas o mesmo sonho de amor gelado no fundo dos olhos mortos.

Coisas de outras cabeças

TODA preoccupação do que, na conducta, é certo ou errado, prova uma interrupção no desenvolvimento intellectual.

OSCAR WILDE

O primeiro amor exige apenas um pouco de burrice e muita curiosidade.

BERNARD SHAW

O que impórta, antes de mais nada, é agradar; a primeira impressão é tudo.

JEAN LORRAIN.

O amor... Trocar tudo que se teve por tudo que se sonhou...

HENRY BATAILLE.

Memorias do espectador desconhecido

(FIM)

— Ha momentos em que Murnau endireita o monoculo com um gesto de grande detective elegante.

— A actriz cinematographica deve ser sempre mais mulher do que actriz.

— O argumento daquella obra era perfeitamente inverosimil, como sabe ser o de uma boa comedia.

— Continuo esperando a grande fita russa, com homens cerimoniosos como popes e mulheres com ictericia.

— Ha gente que vae ao cinema para dar gargalhadas.

— No "Tartufo" de Murnau as sombras se recortavam como massiços de arvores sobre o cinzento confuso dos scenarios.

— Todo bom tragico ha de ser corpulento como um boi.

— Ao terminar a sessão a luz da rua entra na sala e as ultimas scenas se desvanecem num banho de barrela de luz.

Au clair de la Lune

(FIM)

Nós nos comprehendemos!

Sympathia? — Telepathia? — Mysterio!

A não ser que esse sonho que lhes contei no começo deste artigo — pois não é mais do que um sonho, já adivinharam — a não ser que esse sonho eu o tenha realmente vivido na noite dos tempos! ...

Esse sonho será uma recordação?

Não. Com certeza é um sonho e nada mais...

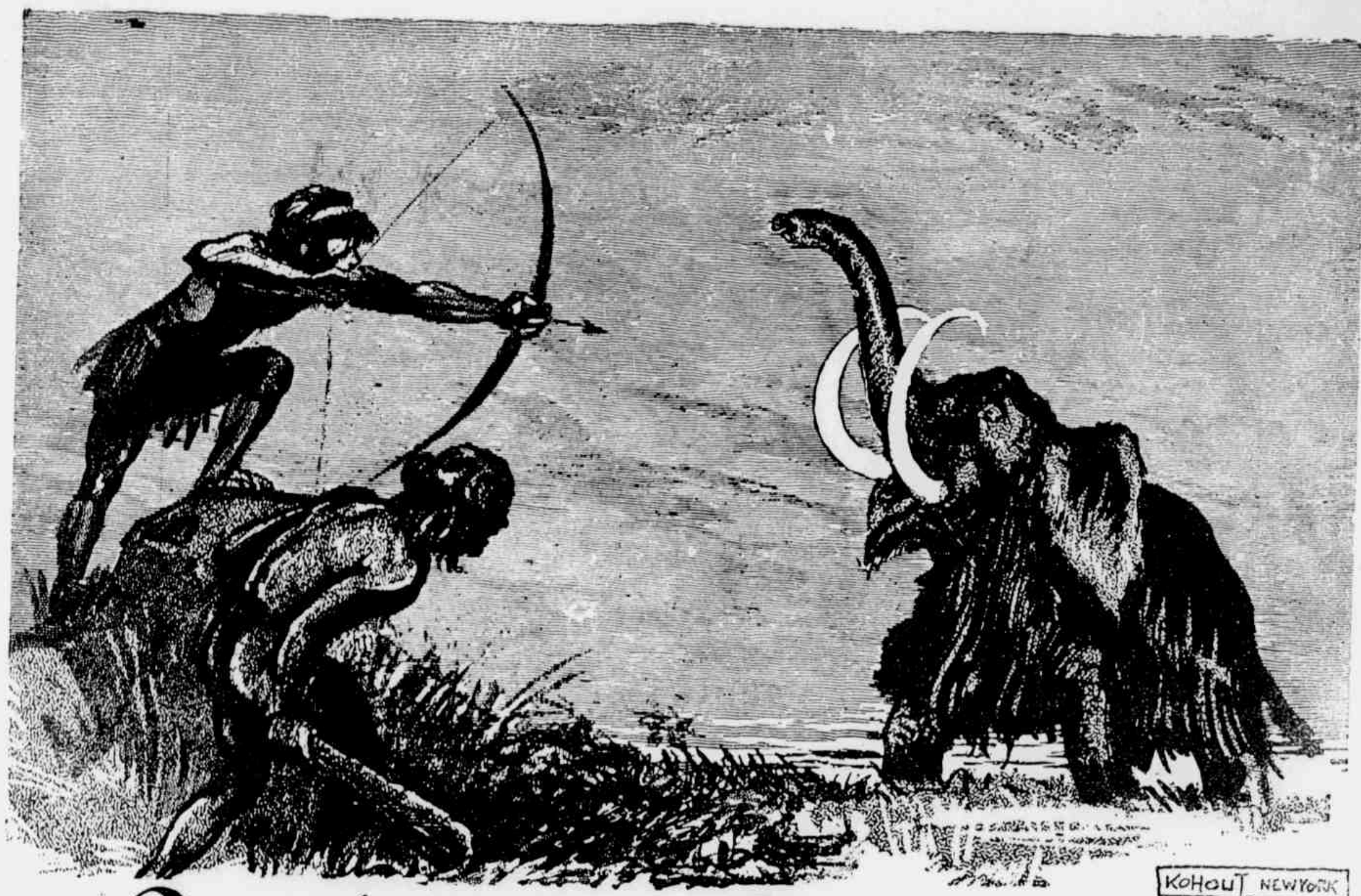
Não é mais do que um sonho...

Mas como os olhos de Fantasiel se assemelhavam aos de Charlie Chaplin!...

E'COS

A BIBLIA DE GUTENBERG

Um dos quarenta e um exemplares conhecidos da Biblia de Gutenberg foi vendido por tres milhões de francos, por um livreiro londrino a um bibliographo suisso. O nome do comprador não foi revelado. O exemplar provém de uma bibliotheca "semi-publica do norte da Europa", disse o vendedor, sem precisar nada mais.

Presume-se que se trata de uma collecção russa "nacionalisada" pelos Soviets. Ha pouco, em Londres, foi mesmo organizada uma venda de joias antigas em ouro que pertenceram ao museu da Ermitage. Os quarenta e um exemplares identificados da Biblia de Gutenberg foram localisados, ha uns vinte annos; não será pois difficil descobrir a procedencia desse que acaba de mudar de dono. O ultimo exemplar vendido fôra o do mosteiro austriaco de Melk, comprado por 106.000 dollars por um livreiro americano em 1926.

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.